

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio Profissional
I, II e III

Mafalda Sintra Bentes

Lisboa, fevereiro de 2023

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio Profissional

I, II e III

Mafalda Sintra Bentes

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar, sob a orientação do Professor Doutor José
Maria de Almeida

Lisboa, fevereiro de 2023



Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo) José Maria de Almeida

Coorientador/a (nome completo) _____

tendo presente o Relatório de Estágio Profissional da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a, Natalia Sinto Bento

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação
Pré-Escolar

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio Profissional apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 13 de fevereiro de 2023



Agradecimentos

O presente trabalho representa a conclusão de uma etapa e o alcance de um objetivo muito importante para mim, um percurso marcado por muito trabalho, esforço e dedicação, mas não teria conseguido chegar aqui sem o apoio e ajuda de muitas pessoas, às quais não quero deixar de agradecer.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor José Maria de Almeida, em primeiro lugar por ter aceitado ser sua orientanda, por todo apoio, disponibilidade, ajuda e atenção que me prestou, não só para a elaboração deste relatório, mas também por acreditar em mim ao longo de todo o meu percurso, nestes cinco anos e meio.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, que me ajudaram a crescer, a ultrapassar dificuldades e a melhorar a minha postura enquanto futura profissional, em especial aos professores da ESE João de Deus e às educadoras e professoras cooperantes com quem contactei no meu percurso académico, pelo tempo, disponibilidade e conselhos que sempre tiveram e deram.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai e à minha mãe, porque sem eles não conseguiria realizar este sonho.

Obrigada às minhas duas irmãs, pela paciência e por me darem ideias e me ajudarem a concretizá-las.

À Andreia Duarte, por todos os conselhos, pela total disponibilidade de todas as horas e em todos os momentos desde o primeiro dia, pela nossa amizade verdadeira e honesta, por nunca me deixar desistir e estar sempre comigo nos bons e maus momentos, muito obrigada.

Às minhas colegas, Márcia Antunes e Rafaela Silva, por tantos anos juntas e por sempre nos ajudarmos e apoiarmos umas às outras.

A todos os meus amigos agradeço a força, a motivação, a compreensão, o reforço positivo e o carinho ao longo desta fase da minha vida.

Obrigada a todos!

Resumo

O presente Relatório de Estágio Profissional I, II e III foi realizado com base nas minhas experiências mais significativas durante o estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus, com início em outubro de 2021, e termino em fevereiro de 2023, organizado em 4 capítulos.

Na parte inicial de cada capítulo existirá uma contextualização e, em seguida, um desenvolvimento do tema de acordo com o capítulo. Primeiramente, será feita a introdução, identificação do local de Estágio Profissional e, em seguida, a calendarização e o cronograma que engloba todos os momentos do Estágio Profissional.

O primeiro capítulo é destinado aos Relatos de Estágio Profissional. Nele são apresentados dez relatos da prática pedagógica, sendo que sete desses relatos são de observações de situações significativas lecionadas pelas educadoras titulares e colegas de estágio, e três dos relatos correspondem a atividades planificadas e realizadas por mim, abrangendo as várias áreas curriculares, bem como nas diferentes faixas etárias.

No segundo capítulo são apresentadas seis planificações de atividades realizadas por mim. Após a observação de cada planificação, descrevo como planejei a aula, os recursos que utilizei e, por vezes, as dificuldades que senti na realização da mesma.

O terceiro capítulo apresenta os Dispositivos de Avaliação, a importância da avaliação e com três atividades realizadas com diferentes faixas etárias e uma análise dos mesmos.

No quarto capítulo, apresento o projeto “É seguro atravessar?” Com este projeto, pretendo sensibilizar as crianças para os perigos de andarem na rua e na estrada e passarem a passeadeira sem olhar para os dois lados.

Por fim, apresento uma perspectiva final sobre todo o estágio narrado no presente relatório e sobre o valor da sua importância na minha formação enquanto futura educadora. Após esta reflexão crítica final são apresentadas as referências bibliográficas que utilizei para a elaboração do relatório tal como todos os anexos.

Palavras-Chave: Estágio Profissional; Educação Pré-Escolar; Planificação; Avaliação; Trabalho de Projeto.

Abstract

This Professional Internship Report I, II and III was based on my most significant experiences during the internship of the Master's Degree in Preschool Education, held at the João de Deus School of Education, beginning in October 2021, and ending in February 2023. Is divided into 4 chapters

In the beginning part of each chapter there will be a contextualization and then a development of the subject according to the chapter. First, the introduction, identification of the Professional Internship Location and then the timing and the schedule that includes all the moments of the Professional Internship.

The first chapter includes the Professional Internship's Registrations. These registrations present ten descriptions of pedagogical practice and colleagues, being seven of those descriptions about significative situations taught by the head educators, in an educative context, which I observed; and the three other descriptions about activities that I planned and realized, comprehending various curricular areas and different age groups.

The second chapter presents six schedules of activities carried out by me. After observing each planning, I describe how I planned the lesson, the resources I used, and sometimes the difficulties I felt in doing it.

The third chapter presents the Assessment Devices, where I mention the importance of the evaluation, and where I present three activities carried out with different age groups and an analysis of them.

In the fourth chapter, I present the project “Is it safe to cross?”. With this project I intend to make children aware of the dangers of walking on the street and on the road and crossing the crosswalk without looking both ways.

At last, I realize a final perspective over the effected work in the present report, about the value and importance of my academic education. After a final critical reflection, I present the bibliographical references that I made use of, for the formulation of the report, as well as all the attachments.

Keywords: Professional Training; Preschool Education; Planning; Evaluation; Project Work.

Índice Geral

Índice de Tabelas	XI
Índice de Figuras	XII
Introdução	1
1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional	2
2. Calendarização e Cronograma	3
Capítulo 1 – Relatos de Estágio	6
1.1. Síntese do Capítulo	7
1.2. Relatos de Estágio	7
1.2.1. Relato de Estágio 1 – Domínio da Matemática (3 anos)	7
1.2.2. Relato de Estágio 2 – Área do Conhecimento do Mundo (4 anos)	9
1.2.3. Relato de Estágio 3 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)	11
1.2.4. Relato de Estágio 4 – Domínio da Matemática (5 anos)	13
1.2.5. Relato de Estágio 5 – Educação Física (3 anos)	14
1.2.6. Relato de Estágio 6 – Visita de Estudo (4 anos)	16
1.2.7. Relato de Estágio 7 – Festa de Natal	17
1.2.8. Relato de Estágio 8- Domínio da Matemática (5 anos)	18
1.2.9. Relato de Estágio 9 – Área do Conhecimento do Mundo (3 anos)	19
1.2.10. Relato de Estágio 10 – Domínio da Matemática (5 anos)	21
Capítulo 2 – Planificações	24
2.1. Síntese do capítulo	25
2.2. Fundamentação teórica	25
2.3. Planificações em quadro	27
2.3.1. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo (3 anos)	27
2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática (3 anos)	30
2.3.3. Planificação do Domínio da Matemática (4 anos)	32
2.3.4. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (4 anos)	34
2.3.5. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)	37

2.3.6. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (5 anos).....	40
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação.....	42
3.1. Síntese do Capítulo	43
3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática	45
3.3.1. Contextualização da atividade.....	45
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	45
3.3.3. Apresentação e análise de resultados	46
3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	48
3.4.1. Contextualização da atividade.....	48
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	48
3.4.3. Apresentação e análise de resultados	50
3.5. Avaliação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo.....	52
3.5.1. Contextualização da atividade.....	52
3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	52
3.5.3. Apresentação e análise de resultados	53
Capítulo 4 – Trabalho de Projeto	56
4.1. Introdução ao tema do projeto.....	57
4.5. Desenvolvimento do projeto	61
4.5.1. Problema	61
4.5.2. Problemas parcelares.....	61
4.5.3. Destinatários.....	61
4.5.4. Entidades envolvidas.....	61
4.5.5. Motivação e negociação	62
4.5.6. Objetivos gerais.....	62
4.5.7. Objetivos específicos.....	62
4.5.8. Planeamento	63
4.5.9. Recursos	64
4.5.9.1. Recursos materiais.....	64

4.5.9.2. Recursos humanos.....	64
4.5.10. Produtos finais.....	65
4.5.11. Avaliação.....	65
4.5.11.1. Avaliação do processo.....	65
4.5.11.2. Avaliação do produto final.....	65
4.6. Calendarização.....	65
4.7. Considerações finais do projeto.....	66
Considerações finais.....	67
Referências Bibliográficas.....	69
Anexos.....	75

Índice de Tabelas

Tabela 1	4
Tabela 2	4
Tabela 3	5
Tabela 4	28
Tabela 5	30
Tabela 6	33
Tabela 7	35
Tabela 8	37
Tabela 9	40
Tabela 10	45
Tabela 11	46
Tabela 12	50
Tabela 13	53
Tabela 14	66

Índice de Figuras

Figura 1	47
Figura 2	50
Figura 3	54

Introdução

O presente relatório foi desenvolvido na unidade curricular de Estágio Profissional I, II e III, no Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Para além da introdução, este relatório compreende quatro capítulos: Relatos de Estágio, Planificações, Dispositivos de Avaliação e apresentação de uma Proposta de um Projeto Educativo.

O Estágio Profissional é uma prática muito benéfica para os professores e educadores, uma vez que, através do mesmo, podem observar, aprender, experimentar e compreender melhor a realidade educativa.

Oliveira (2009) refere que “durante os estágios os estudantes estreitam a sua relação com o mercado de trabalho e embora possam ter alguma experiência anterior, os estágios são reconhecidos como o momento em que o trabalho e a profissão vinculam.” (p. 354)

A prática é efetivamente uma aprendizagem e uma variedade de experiências, que me foram proporcionadas, para que possa ter uma visão do futuro.

Para Estanqueiro (2010, p.10), “Não há respostas simples, nem fórmulas mágicas. Não há um perfil único de bom professor. Mas há boas práticas educativas, que revelam equilíbrio entre a tradição e a inovação”.

Para Mosqueira e Almeida (2017), o estágio “é fundamental na formação inicial, por ser em todo o processo formativo a experiência mais próxima da realidade da prática profissional e por possibilitar em contextos reais o desenvolvimento de competências profissionais”. (p. 37)

A supervisão pedagógica é uma mais valia para a prática do docente e para o crescimento enquanto profissionais de educação. Segundo Mosqueira e Almeida (2017), a supervisão consiste em dirigir a formação do docente, sendo esta realizada por um docente mais experiente e informado, “onde se estabeleça uma relação de empatia, confiança, cooperação, partilha, abertura e reflexão” (p. 30). Na perspetiva destes autores, é crucial que no processo de aprendizagem, o supervisor ajude “o professor principiante a fazer a transição de aluno para professor”. (Mosqueira e Almeida, 2017, p. 32)

Na avaliação dos formandos, para Caldeira, Pereira e Silveira-Botelho (2017), o objetivo principal da formação inicial de educadores é o seu desenvolvimento pessoal e profissional, primando uma avaliação formativa, visto que “ o estágio é o ponto forte de toda a formação, onde se realiza a articulação da teoria com as disciplinas de didática.” (p.37)

1. Identificação e contextualização do Estágio Profissional

O estágio curricular do 1.º semestre decorreu entre os dias 12 de outubro de 2021 e 18 de fevereiro de 2022, foi realizado numa escola particular nos arredores de Lisboa, escola “A”, que integra as valências de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, englobando crianças desde os 3 aos 10 anos, contando com duas turmas de cada faixa etária.

Esta escola tem, aproximadamente, 330 alunos, distribuídos entre a Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Conta com 6 educadores na valência das Educação Pré-Escolar, 9 professores no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, 1 professor de música, 1 professor de inglês, 1 professora na Área de Expressão Artística, 2 terapeutas da fala e 14 colaboradores não docentes.

Em relação ao espaço físico da escola, as instalações escolares apresentam dois recreios exteriores, um gabinete de direção, uma secretaria, 14 salas de aulas, um refeitório, uma cozinha, casas de banho, um ginásio e um salão de grandes dimensões, sendo uma área que desempenha a função reservada ao grupo dos 4 anos.

O Estágio Profissional do 2.º semestre decorreu entre os dias 7 de março de 2022 até 8 de julho de 2022, foi realizado numa escola particular nos arredores de Lisboa, escola “B”, que integra as valências de Creche, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, englobando crianças desde os 6 meses aos 10 anos, contando com um grupo de berçário, um grupo de 1 ano, um grupo de 2 anos, dois grupos de 3 anos, dois grupos de 4 anos, dois grupos de 5 anos, e duas turmas de cada faixa etária no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta escola tem, aproximadamente, mais de 400 alunos, distribuídos entre Creche, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Conta com 3 educadoras na valência de Creche, 6 educadores na valência das educação Pré-Escolar, 8 professores no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, 1 professor de música, 2 professoras de inglês, 2

professoras na Área de Expressão Artística, 2 terapeutas da fala e 14 colaboradores não docentes.

Em relação ao espaço físico da escola, as instalações escolares dispõem de dois recreios exteriores, um gabinete de direção, uma secretaria, 15 salas de aulas, um refeitório, uma cozinha, casas de banho, um ginásio e um salão de grandes dimensões, sendo uma área que desempenha a função reservada ao grupo dos 4 anos.

O estágio curricular do 3.º semestre decorreu entre os dias 14 de outubro de 2022 e 10 de fevereiro de 2023 e foi realizada na escola “C”, uma outra instituição privada localizada na mesma cidade. Apesar dos vários anos de existência, esta escola apresenta um espaço razoavelmente cuidado e com uma boa gestão do espaço. Integra as valências de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, englobando crianças desde os 3 aos 10 anos, contando com duas turmas de cada faixa etária.

Em relação ao espaço físico da escola, as instalações escolares possuem dois recreios exteriores, um gabinete de direção, uma secretaria, 14 salas de aulas, um refeitório, uma cozinha, casas de banho, um ginásio e um salão de grandes dimensões, sendo uma área que desempenha a função reservada ao grupo dos 4 anos.

2. Calendarização e Cronograma

O Estágio Profissional acompanhou e ajudou o meu percurso académico, no Mestrado em Educação Pré-Escolar e organizou-se em 3 semestres. Os cronogramas apresentados agrupam, de forma sintética, as atividades realizadas ao longo desta etapa e que surgiram com o objetivo de desenvolver competências pedagógicas, sociais e de reflexão e aperfeiçoamento contínuo, com a ajuda dos professores supervisores.

No primeiro semestre, realizei o estágio na Escola A, com um grupo com a faixa etária dos 4 anos, entre 12 de outubro de 2021 a 18 de fevereiro de 2022.

Tabela 1*Calendarização e Cronograma do 1.º semestre*

Semestre	Atividade	Datas
1.º	Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	4/10/2021-08/10/2021
	Estágio na Educação Pré-Escolar no grupo da faixa etária dos 4 anos	15/10/2021-18/02/2022
	Atividades avaliadas	13/12/2021-14/01/2022
	Reuniões de Estágio	13/12/2021-14/01/2022
	Orientação Tutorial	2 horas semanais
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	12/10/2021-15/02/2022

No segundo semestre, realizei o estágio na Escola B, com um grupo com a faixa etária dos 3 anos, entre 7 de março de 2022 a 8 de julho de 2022.

Tabela 2*Calendarização e Cronograma do 2.º semestre*

Semestre	Atividade	Datas
2.º	Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	21/02/2022-25/02/2022
	Estágio na Educação Pré-Escolar no grupo da faixa etária dos 3 anos	07/03/2022-08/07/2022
	Atividades avaliadas	01/04/2022-27/05/2022
	Reuniões de Estágio	15/04/2022
	Orientação Tutorial	2 horas semanais
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	07/03/2022-05/07/2022

No terceiro semestre, realizei o estágio na Escola C, com um grupo com a faixa etária dos 5 anos, entre 15 de outubro de 2022 a 10 de fevereiro de 2023.

Tabela 3

Calendarização e Cronograma do 3.º semestre

Semestre	Atividade	Datas
2.º	Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	26/09/2022-07/10/2022
	Estágio na Educação Pré-Escolar no grupo da faixa etária dos 5 anos	14/10/2022-10/02/2023
	Atividades avaliadas	04/11/2022-06/02/2023
	Reuniões de Estágio	17/02/2023
	Orientação Tutorial	2 horas semanais
	Elaboração do Relatório de Estágio Profissional	11/10/2022-07/02/2023

Capítulo 1 – Relatos de Estágio

1.1.Síntese do Capítulo

No capítulo 1 irei relatar 10 relatos sobre atividades que realizei ou observei, 3 deles realizados por mim e os outros 7 realizados por educadoras, enquanto realizava o Estágio Profissional em valências diferentes ao longo de 3 semestres. Os relatos são realizados com base em observações, nos grupos onde estagiei, grupos etários dos 3 aos 5 anos, com inferências e são suportados com fundamentação teórica. O presente capítulo engloba todas as Áreas e Domínios da valência de Educação Pré-Escolar.

1.2.Relatos de Estágio

1.2.1. Relato de Estágio 1 – Domínio da Matemática (3 anos)

No dia 13 de dezembro de 2021, dinamizei uma atividade supervisionada (40 minutos) no âmbito do Domínio da Matemática, com conteúdos relacionados com a Época do Natal, num grupo de 24 crianças com 3 anos de idade e para ampliar o conhecimento matemático. As crianças relacionam-se com a matemática desde muito cedo no seu quotidiano. No entanto, é necessário na educação “dar continuidades a estas aprendizagens e apoiar as crianças no seu desejo de aprender”. (Silva et al., 2016, p. 74)

Antes de iniciar a atividade, distribui uma parte do material estruturado e não estruturado, pelas respetivas mesas, como as bases pretas de *goma eva*, sacos de tecido com flocos de neve, um menino e o 3.º Dom de Froebel. Esta estratégia aplicada foi propositada para gerir o tempo da atividade, uma vez que tinha a duração de 40 minutos. No ponto de vista de Arends (2008, p. 358), uma planificação cuidadosa pode ajudar os professores a serem mais realistas acerca do requisito de tempo e pode minimizar a quantidade de tempo que não é dedicado à instrução.”

A atividade teve início com uma canção, “Broas de Mel”. De seguida, questionei as crianças sobre o material tinham à sua frente e de que material é feita a caixa que cada criança tinha. Q questionei ainda sobre a forma da caixa, lembrei com as crianças as regras sobre como utilizar este material e sobre o resto do material não estruturado que tinham nos sacos de tecido. Nesta atividade, recorri a materiais estruturados e não estruturados. Estes materiais educativos constituem em forte “apelo à perceção visual e tátil através da utilização” e têm como objetivo a promoção de conhecimentos (Caldeira, 2009, p.20).

Dei a indicação para abertura da caixa com cuidado e em cima da base preta, para delimitar o espaço de trabalho de cada criança. As crianças abriram sem qualquer dificuldade, à exceção de três crianças que necessitaram de auxílio. Depois de todas as crianças terem o 3.º Dom de Froebel à sua frente, questionei quantos cubos tínhamos à nossa frente. C1 – Temos 8 cubos.

Para trabalhar o 3.º Dom Froebel, uma das estratégias que utilizei foi o uso de uma história, criada por mim, que serviu de apoio às três construções que construí com as crianças. Iniciei a história com um menino chamado Tomás que estava no seu quarto, e que tinha acabado de acordar e questionei uma criança, onde é que nós dormíamos. C5 – Nós dormimos na cama. A partir da resposta da C5, em conjunto com as crianças fizemos a construção da cama, enquanto fazíamos a construção todos juntos, eu ia questionando as crianças sobre quantas peças já utilizaram e quantas peças faltavam utilizar. Caldeira (2009, p.241) afirma que “os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias”.

Realizei algumas situações problemáticas, tais como: O Tomás acordou e olhou para a janela e viu a caírem 4 flocos de neve. As crianças iam ao seu saco de tecido e iam buscar o número de flocos que eu tinha disse, mas esfregou bem os olhos e caíram mais 6 flocos de neve. Quantos flocos de neve o Tomás viu a caírem? C8 – 10 flocos de neve. E 10 é um número par ou ímpar? Nenhuma criança soube responder porque ainda não tinham aprendido sobre os números pares e ímpares, mas aproveitei e introduzi a noção de par e ímpar. Depois de introduzir o conceito, houve algumas crianças que responderam que era um número par.

De seguida, continuei com a história, dizendo que o Tomás foi até à cozinha, e que quando chegou à cozinha deparou-se com a sua mãe a fazer bolachas e pediu-lhe para ele as colocar na mesa para tomarem todos o pequeno-almoço. Segundo esta indicação, construimos todos juntos as cadeiras e a mesa. Depois de auxiliar algumas crianças na construção, realizei situações problemáticas com as bolachas que a mãe tinha colocado em cima da mesa. Para realizar estas situações problemáticas utilizei um instrumento musical, o triângulo. A mãe tinha colocado 10 bolachas, mas veio o pai do Tomás e retirou, (segundo isto eu toquei no triângulo), cinco vezes, e perguntei quantas bolachas o pai do Tomás tinha tirado, C9 – O pai do Tomás, tirou cinco bolachas. E fiz algumas questões desse género.

A última construção feita foi o cadeirão do avô, para o Pai Natal se puder sentar quando fosse entregar os presentes. Questionei as crianças onde é que o Pai Natal iria colocar os presentes se o Tomás não tinha uma árvore de Natal. Foi aí que lhes entreguei uma caixa com uma árvore de natal e bolas encarnadas e douradas e fiz uma situação problemática. O Tomás tinha 10 bolas e queria dividir de igual forma por ele e pela sua mãe, com quantas bolas irá ficar cada um? C2, C10, C6, C23 – A mãe do Tomás vai ficar com cinco e o Tomás vai ficar com outras cinco.

Terminei a atividade questionando as crianças se em casa já tinham montado a sua árvore de Natal e enquanto arrumávamos o material cantávamos a canção do início, “Broas de Mel”.

1.2.2. Relato de Estágio 2 – Área do Conhecimento do Mundo (4 anos)

No dia 9 de fevereiro de 2022, dinamizei uma atividade de 1 hora, no âmbito da Área do Conhecimento do Mundo, com conteúdos relacionados com os seres vivos, a classe dos peixes, num grupo composto por 24 crianças com 4 anos de idade e predisposto a desenvolver competências e conhecimentos em todas as áreas. “A abordagem do Conhecimento do Mundo parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem.” (Silva et al., 2016, p.85)

Também o Decreto-Lei n.º 542/79, de 31 de dezembro, arte. 2.º, nos diz, que são objetivos fundamentais da Educação Pré-Escolar “despertar a curiosidade pelos outros e pelo meio ambiente.”

Antes de iniciar a atividade, no cantinho da leitura, coloquei previamente as almofadas no chão, em U. De seguida, comecei por falar com o grupo se estavam bem e se tinham tomado o pequeno-almoço e questionei algumas crianças o que tinham comido. C8 – Cereais. C4 – Leite com torradas. C22 – Iogurte e torradas. Sabendo anteriormente que as crianças já conheciam a música, disse-lhes que íamos cantar uma música todos juntos, o peixinho encarnado. De seguida, questionei sobre a capa da história e perguntei o que o grupo observava e o que achavam que iria acontecer. C9 – É um peixinho, que vive no mar. Antes de começar a contar a história perguntei às crianças se os peixes também comiam cereais e torradas. Resposta em coro – Não!

Comecei por contar a história do Nadadorzinho, que as crianças não conheciam. Por isso, foi ótimo porque estiveram sempre comigo e a querer saber o que iria acontecer

a seguir. Depois de terminar a história, fiz algumas questões sobre a história e voltei a perguntar do que falava a história. C24 – Fala de um peixinho que vive no mar. C6 – É um peixinho que fica sozinho no mar. C5 – É um peixinho que faz um peixe gigante com os outros peixes.

A partir das respostas deles introduzi a classe dos peixes. Que peixes é que eles conheciam, se já tiveram ou tinham algum peixe em casa, e perguntei ainda se os peixes comiam a mesma coisa que nós, humanos.

De seguida, continuamos nos mesmo lugares e apresentei-lhes um vídeo feito por mim, a falar sobre a classe dos peixes. Perceberam logo que era a minha voz. Então ainda ficaram mais atentos ao conteúdo do vídeo. Fiz questões sobre o que tinham visto no vídeo, ao qual percebi que as crianças estiveram muito atentas, porque a tudo o que eu questionava, elas respondiam certo.

Finalmente, após uma abordagem alargada sobre os peixes, chegou o momento mais lúdico e interessante da atividade, na minha opinião. Momento esse em que mostrei um peixe real e, caso quisessem, as crianças poderiam interagir com o mesmo, ao dar-lhe comida ou só observando. Pois, tal como citado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016):

O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem. Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais (p.90).

Dei-lhes dois nomes, Nadadorzinho ou Laranjinha, deixei as crianças escolherem, fazendo uma votação, o nome que tivesse mais votos iria ser o nome do peixe, acabou por ficar Nadadorzinho. Expliquei-lhes como é que tinham que fazer em relação à comida, só podiam dar comida, uma vez por dia e quando o aquário estivesse sujo, tinham o camaroeiro para trocarem o peixe para outro alguidar e limparem o aquário.

No seguimento do raciocínio anterior, nas OCEPE, Silva et al. (2016) destacam que:

Uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental e de sustentabilidade. Promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma cidadania consciente (p.85).

Para finalizar a atividade, fiz uma proposta de atividade às crianças, que consistia na figura de um peixe e que as mesmas fizessem escamas através de papel prata e colassem em cima do peixe.

1.2.3. Relato de Estágio 3 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)

No dia 14 de outubro de 2022, a educadora começou por explicar a organização das suas fichas de trabalho referentes às lições da Cartilha Maternal e orientou-me da melhor maneira para que pudesse auxiliar as crianças. De seguida, a educadora ensinou algumas lições de Cartilha aos grupos.

Ruivo (2009) sustenta que:

João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p. 80)

As lições são dadas em grupos de três ou quatro crianças, nunca devendo estas responder em coro, falando cada uma na sua vez e estando todas empenhadas numa mesma tarefa. A lição deve ser curta, com noções bem claras e é dada todos os dias durante o ciclo de aprendizagem de forma personalizada.

Ainda segundo Ruivo (2009), a criança é convidada e estimulada, desde a primeira lição a ser “analista da linguagem”, sendo-lhe permitido relacionar conhecimentos anteriores, sempre que lê uma palavra e a descobrir por si que a posição da letra na palavra determina o seu valor sonoro que a diferencia de uma parecida, mas não igual. (p.116)

As outras crianças realizavam fichas de trabalho referentes aos grafismos das letras aprendidas na Cartilha Maternal, com o meu auxílio. Esta pretendia consolidar os conhecimentos das lições que já tinham sido lecionadas.

Silva et al. (2016) acentuam que :

a importância de uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o educador planeie o seu trabalho e avalie o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. (p. 18)

Quando as crianças aprendiam o grafismo de uma letra nova, iam ao quadro para que uma de nós lhe explicássemos a maneira correta de fazer aquele grafismo e a orientássemos quanto aos movimentos corretos, ajudando-a na lateralização da criança. Segundo Silva et al. (2016), “o contexto (...) de Educação Pré-Escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.” (p. 31)

A metodologia João de Deus (Método de leitura da Cartilha Maternal) recusa-se a tratar as sílabas de forma independente das palavras em que estão inseridas, permitindo assim ensinar o código alfabético num contexto de leitura significativo sendo as palavras lidas e contextualizadas de forma a contribuir para o enriquecimento lexical da criança.

Para Sim-Sim (2006):

Aprender a ler é uma “tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores de língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente.” (p. 99)

O método João de Deus respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança, criando assim uma sensação de prazer e de descoberta por parte da mesma e não a de obrigação de aprender.

1.2.4. Relato de Estágio 4 – Domínio da Matemática (5 anos)

No dia 7 de novembro de 2022, a educadora começou a atividade com um saco preto na mão e foi mexendo no saco e questionando as crianças sobre o que achavam que estava dentro do mesmo. Algumas crianças disseram legos, outras referiram peças de madeira, outras crianças enunciaram peças de plástico, etc. Até que a educadora se dirigiu a uma criança e pediu-lhe para que ela colocasse a mão dentro do saco e descobrisse que material se encontrava dentro do mesmo.

A criança respondeu que eram peças de plástico e a educadora questionou a criança se achava que as peças tinham todas a mesma forma e o mesmo tamanho. Depois de a criança ter respondido que não, a educadora questionou qual é o material matemático que as mesmas já conheciam que tinha vários atributos, até que uma criança respondeu blocos lógicos.

Zoltan Dienes (citado em Caldeira, 2009, p. 363) “escreveu um livro juntamente com Edward Golding em 1976 com o título Lógica e jogos lógicos, onde se afirma que este material se deve a William Hull e foi experimentado em Adelaide, Austrália nos anos 1962-1964”. Os blocos lógicos contêm 48 peças divididas em quatro formas diferentes: quadrangular, retangular, triangular e circular; três cores: vermelho, azul e amarelo; dois tamanhos: grande e pequeno; duas espessuras: fino e grosso. Cada peça tem quatro atributos e todas as peças diferem pelo menos num dos atributos; nas 48 peças não existem peças repetidas (Caldeira, 2009, pp. 365-366).

A educadora perguntou a uma criança os atributos desse mesmo material matemático, os blocos lógicos, até que a mesma respondeu, a cor, o tamanho, a forma e a espessura.

Segundo Silva et al. (2016, p. 75), as crianças, de forma intuitiva, realizam “classificações e, precocemente, começam a ser capazes de organizar objetos e acontecimentos considerando um atributo e, posteriormente, vários atributos, de forma a estabelecer relações entre eles”; classificar algo implica que a criança saiba distinguir “o

que é diferente do que é igual ou semelhante, isto é, ao classificar inclui-se um determinado elemento num conjunto, pela igualdade, e exclui-se, pela diferença”.

De seguida, fizeram uma tabela de dupla entrada, ao que a educadora explicou o que era uma tabela de dupla entrada e eles entenderam e a estratégia que a educadora implementou correu muito bem para o objetivo que a educadora tinha planeado para fazer a seguir, a teoria de conjuntos. Começou por chamar algumas crianças ao quadro para tirarem uma peça sem verem do saco preto, e acabou por usar o sentido do tato.

De seguida, consoante cada peça que cada criança retirava do saco, serviu para que realizassem a tabela de dupla entrada, colando a peça no quadro e fazendo a respetiva legenda da peça que retiraram do saco preto, colocando de que cor era da peça, o tamanho, a espessura e a forma geométrica.

A educadora proporcionou às crianças a noção de cardinal (aplicando a Teoria de Conjuntos), indicando que servia para indicar o número de elementos do conjunto. Disse também que cada conjunto deveria ter um nome, como por exemplo: “conjunto A” ou “conjunto B”, etc.

Depois do grupo entender o cardinal, a educadora realizou através de um *PowerPoint* uma proposta de trabalho, cada criança tinha a sua proposta de trabalho sobre a teoria de conjuntos. As crianças já sabiam o que era a teoria de conjuntos, sendo que já tinham aprendido na faixa etária dos 4 anos, a educadora só complementou o que as crianças já sabiam e lembrou alguns dos nomes, tais como: linha fronteira, conjunto singular, conjunto vazio, interseção, pertence e não pertence.

No final da atividade, as crianças realizaram a proposta de trabalho sobre a teoria de conjunto sozinhas e quando terminaram a proposta de trabalho, a educadora deixou que as crianças explorassem de forma livre os blocos lógicos. Como refere caldeira (2009, p. 364), “é necessário manipular ‘coisas’ e refletir sobre o ato de manipular, porque só nesta aceção tem cabimento dizer-se que a matemática entra em jogo quando a criança age sobre as ‘coisas’”.

1.2.5. Relato de Estágio 5 – Educação Física (3 anos)

Esta atividade, que foi realizada por mim para o grupo da faixa etária dos 3 anos, foi desenvolvida no ginásio para a realização de uma atividade de Educação Física.

Iniciei a atividade realizando um aquecimento, utilizando o jogo das estátuas, a música tocava e quando a música parasse o grupo tinha de parar e não se podia mexer. Enquanto a música tocava eu dava alguns desafios, tais como, andarem de costas, andarem de gatas, saltar ao pé-coxinho, etc.

Para Silva et al. (2016), “a Educação Física, possibilita-lhe um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço e com os outros”. (p.43)

Após o aquecimento, construí um circuito, que estava dividido em 5 estações. O primeiro exercício, tinha como objetivo que a criança saltasse com os pés juntos de arco em arco. O segundo exercício, rastejar por dentro de um tubo como se fossem umas cobras. O terceiro exercício foi desenvolvido para saltar do plinto para o colchão. O quarto exercício pretendia colocar uma corda presa no espaldar e que as crianças sentadas no chão e com a ajuda da corda, tentasse chegar ao espaldar puxando a corda. E, por último, o quinto exercício tinha como objetivo que as crianças andassem de bicos de pés em cima do banco e no final saltassem para o chão.

Segundo Matos e Graça (1991), a Educação Física é um papel privilegiado, importante e insubstituível na promoção e criação de hábitos de vida saudáveis de uma criança, para a aquisição de um estilo de vida ativo e saudável.

Dividi o grupo em cinco grupos, e em cada grupo ficaram cinco crianças. Coloquei cada grupo num exercício e pedi para que uma criança de cada grupo explicasse o exercício onde estavam.

Coloquei música enquanto as crianças faziam os exercícios e guiei-me pelo exercício mais lento, que era o de andar em cima do banco a andar de bicos de pé, após cada criança realizar o exercício pretendido, o grupo trocava de exercício. Fizemos duas rondas em cada exercício.

Para Silva et al. (2016), “na educação física vai permitir à criança mobilizar o corpo com mais precisão coordenação, desenvolvendo resistência, força, flexibilidade, velocidade e a destreza geral”. (p. 44)

Depois de todos os grupos passarem pelas cinco estações, pedi às crianças que se deitassem no chão de barriga para cima para fazermos o retorno à calma, coloquei uma música mais calma e pedi-lhes que respirassem e, de seguida, deitando o ar fora pela boca.

Ao realizar esta atividade com o grupo verifiquei que as crianças adoram este tipo de atividades e gostam de libertar energia.

1.2.6. Relato de Estágio 6 – Visita de Estudo (4 anos)

Durante o meu percurso de estágio, enquanto realizava estágio num grupo de faixa etária dos 4 anos, a educadora titular do grupo, decidiu realizar uma visita de estudo ao Planetário Calouste Gulbenkian.

Pombo (2006, p. 162) argumenta que “o destino da escola é o Mundo” e, por essa mesma razão, estas saídas da escola têm vindo a ser consideradas fundamentais por, entre e outros motivos, promoverem “aprendizagens” cognitivas. O grupo era composto por 25 crianças, pela educadora, por uma auxiliar de educação e por uma estagiária que era eu. O autocarro partiu da escola por volta das 09h30m com destino a Belém. Ao chegar ao Planetário, o grupo foi logo ver a sessão que tinha início às 10 horas.

Sendo que o grupo naquela altura do ano letivo estava a aprender o Sistema Solar, a sessão que viram, tinha como nome “Vamos ao Espaço!” e teve a duração de 30 minutos.

Nesta sessão foram abordados alguns temas que o grupo estava ou iria aprender na escola com a educadora como por exemplo: o que há para lá do céu, as constelações, os planetas do Sistema Solar, as fases da Lua, os movimentos da Terra e da Lua, e no fim de observarem estes temas, ainda observaram e realizaram uma visita ao espaço, foi uma simulação da missão Apollo onde descolaram num foguetão até à Lua e perceberem como é constituída a Lua e para observarem a Terra.

Após terminar a sessão, o grupo lanchou e, de seguida, formou comboio e voltou ao autocarro. No caminho até ao autocarro a educadora foi cantando com as crianças.

Esta visita de estudo realizou-se, porque o grupo estava, nesta altura do ano letivo, a desenvolver, na Área do Conhecimento do Mundo, o Sistema Solar, podendo assim consolidar o tema com o que foi observado no Planetário.

Anderson e Lucas (1997, como citado em Faria et al., 2015) indicam-nos que se “a visita de estudo decorre num ambiente novo para o aluno, poderá ser importante que esta receba informação acerca do que irá observar, com o objetivo de reduzir o efeito de novidade” (p. 28).

Para Crepe (1981, citado em Almeida, 1998, p.51), “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada ao cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objetos de estudo nos seus locais funcionais”.

Por volta as 12h00 o grupo chegou à escola, as crianças fizeram a sua higiene e foram almoçar.

1.2.7. Relato de Estágio 7 – Festa de Natal

O seguinte relato de estágio não se destina a uma atividade realizada por mim numa determinada faixa etária, mas sim de um momento que tive oportunidade de observar e de participar e que é vivenciado com grande intensidade na instituição, a festa de Natal, de todas as turmas da escola.

Quando pensamos numa festa de Natal em contexto escolar, a verdade é que, pensamos imediatamente no fortalecimento da relação Escola-Família. De facto, este parâmetro não deve ser esquecido uma vez que “os pais/família, enquanto primeiros e principais responsáveis pela educação das crianças, têm o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos” (Silva et al., 2016, p. 29). Os pais acabam sempre por fazer os fatos ou então ajudar de alguma maneira, por isso interagem sempre neste momento, seja dias antes ou no próprio dia.

No decorrer do período de estágio pude constatar que é um momento de grande agitação por parte das crianças e das educadoras que idealizaram a festa com longos meses de antecedência em que tudo é pensado ao pormenor.

Para Silva et al., (2016, p. 28), é fundamental o papel do educador como mediador desta relação “planeamento de estratégias diversificadas que promovam a participação de todos os envolvidos”.

Ao assistir aos ensaios para a Festa de Natal, pude perceber que as crianças demonstram sempre uma grande motivação e satisfação ao ensaiarem as canções. Até mesmo as crianças mais tímidas se deixam “conduzir” pela música e não resistem a cantar e a movimentar-se ao som desta.

Para a sua concretização existe uma imensidão de planos que se organizam e planeiam desde o início do ano letivo através de reuniões. Nestas reuniões decidem tudo o que é pretendido realizar, ou seja: os pormenores, que passam desde a decisão do tema

da festa que poderá ser a partir de uma história ou até mesmo relatar uma situação ambiental; os cenários que têm que ser de acordo com o tema a tratar; os figurinos porque pode ou não ser necessária a contratação de uma costureira para a elaboração dos fatos; a escolha da música que deve ser pensada para ir de encontro ao tema.

São organizados horários para os ensaios e cabe às educadoras e às professoras a elaboração dos mesmos, para que todas as turmas possam ensaiar e para que fique tudo pronto para o grande dia.

De uma maneira geral, os ensaios costumam ser realizados da parte da tarde um ou dois meses antes do dia da festa de Natal, de forma a que não prejudiquem a aprendizagem das crianças.

Hohmann e Weikart (2011) afirmam que “ao colaborarem, os elementos obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (p.131). Foi então benéfica a participação dos Encarregados e Educação nos preparativos da festa de Natal.

No dia da festa, acabei por estar a ajudar crianças a vestirem os fatos, a despir, a entrar em palco, a receber e a entregar as crianças aos pais, um pouco de tudo, que deu para entender a logística de um dia diferente.

1.2.8. Relato de Estágio 8- Domínio da Matemática (5 anos)

O relato que se segue é sobre uma atividade dinamizada pela minha colega de estágio, destinada a um grupo de faixa etária dos 5 anos, com a duração aproximadamente 40 minutos, no domínio da Matemática, mais concretamente a adição com o material manipulativo Calculadoras Papy.

A estagiária iniciou a atividade fazendo interdisciplinaridade com a Área do Conhecimento do Mundo, dizendo que ia ao mercado com a irmã comprar fruta e questionou o grupo se alguma vez já tinham ido a algum mercado e se no mercado só se vendia fruta ou vendia mais alguma coisa. De seguida, perguntou às crianças se eles sabiam o que era uma adivinha. A maior parte do grupo sabia. Então a estagiária mostrou-lhes uma adivinha e leu-lhes, para que eles descobrissem com que materiais matemáticos iriam trabalhar.

Posteriormente, através da adivinha o grupo chegou ao material matemático, as Calculadoras Papy, começando por fazer uma breve revisão das regras para realizar a adição. Optou por apresentar exercícios dos mais acessíveis para os mais complexos. Para realizar a adição, Caldeira (2009) defende que devemos:

- Colocar a representação de todos os números a adicionar;
- Nunca podem ficar duas marcas num quarto do painel;
- Duas marcas num quarto, valem uma marca no quarto seguinte;
- Para manipular as marcas, podem-se utilizar as duas mãos, mencionando o que se faz [...];
- O resultado é lido de várias maneiras: o número inteiro ou a representação por placa (p. 351).

Após a revisão que elaborou com o grupo, a minha colega partilhou um *Powerpoint* com várias situações problemáticas. Durante a resolução das mesmas, esteve atenta às respostas que as crianças davam, nomeadamente respostas completas. Estas são muito importantes, pois ajudam o discente a organizar o seu discurso oral.

O último exercício que a minha colega fez com o grupo já foi mais de cálculo mental. Segundo Sowder (1992, citado em Tomás, 2014), o cálculo mental é um “processo de efetuar cálculos aritméticos sem a ajuda de meios externos” (p.18).

Por fim, a colega entregou uma espetada de fruta a cada criança e deu assim por terminada a atividade.

Em suma, a colega conseguiu transmitir dinamismo e entusiasmo ao grupo, independentemente de estar naquele grupo apenas há três dias.

1.2.9. Relato de Estágio 9 – Área do Conhecimento do Mundo (3 anos)

No dia 20 de janeiro de 2022, observei uma atividade da educadora da faixa-etária dos 3 anos a realizar uma atividade em grande grupo, inserida na Área do Conhecimento do Mundo. A educadora começou a atividade questionando o grupo sobre os animais que conhecem e, de seguida falou das classes dos animais, a primeira classe que falou foi a dos mamíferos.

A educadora questionou o grupo sobre o que eles conheciam sobre os mamíferos, o *habitat*, o alimento a locomoção, etc. A educadora falou de alguns animais da classe dos mamíferos, e, de seguida, foi buscar um saco opaco preto e questionou o grupo sobre o que eles achavam que estava dentro do saco.

Segundo Silva et al. (2016), existem conteúdos relativos à Biologia como conhecimento dos órgãos do corpo, dos animais, do seu *habitat* e costumes, de plantas, que podem ser realizadas com crianças de idade pré-escolar. Os animais e plantas são motivo de fascínio para crianças pequenas, despertando-lhes interesse para a exploração de diversos aspetos relacionados com o mundo animal e vegetal.

A educadora abanou o saco e perguntou ao grupo se eles conseguiam observar o que estava dentro do saco, mas sendo que o saco era opaco a resposta das crianças foi que não conseguiam. Então a educadora disse-lhes que o saco era opaco e era por isso que não conseguiam observar o que estava lá dentro.

De seguida, a educadora pediu a uma criança que viesse colocar a mão dentro do saco e tentasse descobrir através do tato. A educadora aproveitou para desenvolver e relembrar os cinco sentidos. De acordo com Papalia et al. (2001), “a estimulação sensorial, pode por sua vez, promover o rápido desenvolvimento do cérebro” (p.168).

Cabe ao educador proporcionar experiências significativas, intencionalmente pensadas, para promover experiências de aprendizagem, sem com isso limitar ou reduzir a atividade livre da criança. Segundo Torrado (1988), “o laboratório dos sentidos, inaugurado pelos exercícios tácteis, auditivos, olfactivos, em apuramento de graduação, proporciona à criança experiências exaltantes” (p.11). A criança não adivinhou o que se encontrava dentro do saco, então pediu ajuda a um amigo.

Nenhuma das crianças acertou. Então, a educadora decidiu ajudar e retirar um animal de plástico do saco. E questionou o grupo sobre que animal observavam. A resposta foi em coro, elefante.

A educadora perguntou em geral sobre o que as crianças já sabiam e conheciam sobre o elefante e foi apontando numa folha. De seguida, questionou a cada criança individualmente o que gostariam de saber sobre os elefantes.

O que já sabiam ou conheciam sobre os elefantes, ex: é cinzento, é grande, é selvagem, etc. O que querem saber sobre os elefantes, ex: onde nascem, o que comem, o que fazem, de onde vêm, etc.

Ao ouvir estas respostas, a educadora foi buscar uma cartolina e começou por colar um título, os elefantes, e dividiu a cartolina ao meio, e voltou a colar mais dois títulos, o que sabemos e o que queremos saber. E foi escrevendo o que as crianças tinham dito sobre o que já conheciam sobre os elefantes e pediu a alguns meninos para desenharem o que tinham dito.

Do outro lado da cartolina, escreveu o que as crianças tinham dito que queriam saber sobre os elefantes e pediu às crianças que fossem para casa pesquisar com os pais sobre as dúvidas que tinham e que trouxessem imagens, para que depois colassem numa outra cartolina e ficassem a perceber as dúvidas que tinham sobre os elefantes.

A família tem um papel essencial e único na vida de qualquer ser humano e a escola uma importância ímpar na instrução de qualquer indivíduo. Considero muito importante a existência de uma relação de proximidade entre a família e a escola.

Gervilla (2001, como citado em Reis, 2008) define a família desta forma:

É o pilar fundamental para o crescimento da criança, e, se queremos realmente educar, há que proporcionar ajuda e apoios aos que dela necessitam e, assumirmos responsabilidades visto que uma pequena Educação dos pais proporciona benefícios significativos: progressão das aprendizagens, desenvolvimento mental, afectivo e emocional. (p.38)

A educadora adaptou este método para trabalhar vários animais que as crianças não conheciam tão bem e foi uma ótima estratégia para desenvolver a criatividade e a motivação das crianças. Nos dias seguintes, o grupo foi trazendo as curiosidades sobre os elefantes e, no fim dessa mesma semana, o grupo completou o cartaz e penduraram o cartaz na sala.

1.2.10. Relato de Estágio 10 – Domínio da Matemática (5 anos)

No dia 30 de janeiro de 2023, observei uma atividade planeada pela educadora da faixa-etária dos 5 anos, inserida no Domínio da Matemática, interligando também com a

Área do Conhecimento do Mundo, com o tema os vulcões. A educadora começou a atividade, apresentando uma fotografia de um vulcão e questionou o grupo sobre o que observavam.

A partir das respostas das crianças, a educadora mostrou uma imagem de um vulcão e falou sobre as partes do mesmo, a chaminé principal, a cratera, a lava e o cone vulcânico. E sugeriu ao grupo que ajudassem os exploradores a encontrarem o caminho até ao vulcão, mas para isso existiam desafios e para esses desafios as crianças utilizaram o material matemático, Calculadores Multibásicos.

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático estruturado que é composto por placas, e essas têm cinco orifícios, onde são colocadas as peças de cores diferentes. Uma das regras deste material é o facto de termos de colocar peças de uma só cor em cada orifício.

O material manipulável estruturado tem como fim manter as crianças ativas, questionando e imaginando, ou seja, fazendo o que a sua natureza manda. Damas et al. (2010) dizem que é importante a utilização de materiais manipuláveis estruturados pois estes são “suportes de aprendizagens que permitem envolver os alunos numa construção sólida e gradual das bases matemáticas” (p. 5).

Desde cedo que devemos colocar desafios às crianças, e neste caso, a educadora decidiu criar algumas situações problemáticas com o tema inserido no quotidiano das mesmas, os vulcões. Silva et al. (2016) defendem que o educador deve “proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras” (p. 74).

Para estes desafios, a educadora realizou situações problemáticas, como por exemplo: ditado de peças e representar o numeral.

Alguns dos desafios que observei por parte da educadora ao fazer com o grupo foram, exemplo: Ditado de peças: torre amarela, vão ter que colocar meia dezena de peças amarelas; torre verde, qual é a soma de $6+1$; torre encarnada, a mesma quantidade de um conjunto singular. Representar o numeral: 38, quantas peças amarelas vão colocar ? 8 peças amarelas e quantas peças verdes? 3 peças verdes.

As crianças realizaram as representações nos Calculadores Multibásicos e ajudaram os exploradores a chegarem aos vulcões.

A educadora terminou a atividade a cantar para que o grupo arrumasse o material. Para Cordeiro (2015), a música vai estar sempre presente pois ela é “um dos maiores factores protetores, um guarda-chuva para as grandes tempestades da contrariedade e da frustração, um agente libertador para os momentos de alegria e satisfação” (p.418).

Capítulo 2 – Planificações

2.1.Síntese do capítulo

Este capítulo tem como objetivo principal abordar o tema da planificação, mais especificamente, o seu conceito através de fundamentação teórica e elaboração de planificações na Educação Pré-Escolar.

O presente capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: numa primeira parte, apresento uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar e as suas finalidades. Na segunda parte, são apresentadas seis planificações em quadro, realizadas por mim, ao longo do período de estágio I, II e III, que abrange a área da Expressão e Comunicação, nomeadamente os domínios da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a área do Conhecimento do Mundo. Em cada planificação apresento a fundamentação teórica das estratégias e recursos utilizados, suportada em diversos autores.

2.2.Fundamentação teórica

Ao falarmos de planificação, sabemos que se refere à ação e ao seguimento de planificar, isto é, organizar e estabelecer alguma ideia e transferir essa ideia para um papel para que seja mais fácil para a educadora se guiar e saber quais os pontos importantes, mesmo sabendo que as planificações estão sempre sujeitas a alterações, é uma mais valia realizar uma planificação. De acordo com Zabalza (2000), planificar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p.47)

Planear é uma prática constante que o educador realiza todos os dias. Segundo Silva et al. (2016), o mesmo “reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização.” (p.15)

Uma planificação bem estruturada não significa que a atividade corra como está planificada, pois a planificação é uma ótima forma de organizar e planear as estratégias escolhidas pelo professor, podendo sempre ser alterada conforme o decorrer da atividade. Lusignan e Goupil (1993, como citado em Silva & Lopes, 2015) referem que:

A planificação ocupa um lugar essencial no ensino, dado que permite ao professor estabelecer a relação entre o programa da sua disciplina e os alunos, ou seja, entre o que tem de ensinar e a aprendizagem no contexto da sua sala de aula. (p.3)

Sendo assim, as planificações são essenciais para organizar as estratégias a ser utilizadas. Segundo Lusignan e Goupil (1993, como citado em Silva & Lopes, 2015), referem que “ a planificação é também uma excelente forma de o professor refletir sobre a sua ação didática e sobre as suas práticas educativas. (p.5)

É uma mais valia para um educador que realize uma planificação com a devida antecedência, para que quando estiver a realizar a atividade, para que possa ter uma linha de pensamento continua, pois se não a tiver, poderá se enganar e poderá repetir o que já foi dito, e terá mais dificuldade em que as crianças percebam e entendam o que foi extipulado na planificação anteriormente. Quando o educador está a realizar uma atividade com grupo tem que entender e compreender as necessidades educativas das crianças, por isso o educador tem que ter em conta que a planificação pode sofrer alterações, como já referido anteriormente.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990):

O professor, quando planifica, deve considerar diversos aspetos, tais como, fazer uma seleção limitada dos conteúdos e das ideias a transmitir, deve definir uma estrutura sequencial de apresentação bem definida de forma a servir de elo entre o que o aluno sabe e o que vai aprender. (p.44)

Planificar reúne um conjunto organizado e pensado antecipadamente de tarefas estruturadas inerentes ao currículo que estabelecem as competências a que os alunos devem chegar a cada nível do ensino, complementado estratégias, objetivos e recursos que fomentem o sucesso escolar dos alunos.

Planear uma atividade é muito importante, e segundo Silva et al. (2016), “planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo

simultaneamente oportunidades de aprendizagem não prévias, para tirar partido delas” (p.16).

Os autores Lopes e Silva (2011) dão as seguintes sugestões para as planificações de atividades:

- (i) Identificar as estratégias de aprendizagem;
- (ii) Possibilitar que os alunos autoavaliem como efetivamente fazem uso dessas estratégias;
- (iii) Envolver ativamente os alunos na aprendizagem de competências;
- (iv) Adaptar as diferentes competências às características da tarefa e ao contexto da disciplina;
- (v) Permitir que os alunos assumam o controlo sobre a escolha da estratégia que vão usar;
- (vi) Exigir que os alunos se automonitorizem. (pp.162-163)

Para terminar, a planificação é uma das coisas mais importantes do ensino, pois ajuda e orienta os educadores de que maneira ou estratégia devem realizar as atividades em sala com o respetivo grupo que têm à frente, pois a maneira como é estruturada e de seguida realizada, pode influenciar muito o comportamento das crianças em sala de aula, e a sua aprendizagem, porque nem todos os grupos são iguais, e num grupo pode funcionar muito bem e no outro grupo não tão bem e cabe ao educador presente fazer as devidas alterações, para que corra tudo minimamente como a atividade estava planeada.

2.3. Planificações em quadro

2.3.1. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo (3 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 4) destina-se à faixa etária dos 3 anos, uma atividade de 30 minutos, enquadra-se na área do Conhecimento do Mundo com o tema das profissões.

Tabela 4*Planificação de atividade da Área do Conhecimento do Mundo (3 anos)*

Plano de atividade			
Tempo	Componente	Estratégias	Recursos
30 min.	As profissões: O pizzaiolo.	Sentar as crianças nos respetivos lugares para uma melhor visualização da dramatização; Realizar uma pequena dramatização para introduzir o tema; Dialogar com o grupo sobre a profissão: o pizzaiolo; Distribuir os chapéus de pizzaiolo por cada criança para que se sintam familiarizados com o tema; Relembrar as regras de higiene; Colocar o tabuleiro previamente preparado em cima da mesa com os alimentos e com os pratos das pizzas para cada criança; Realizar com o grupo mini pizzas; Terminar a atividade colocando as mini pizzas no forno; Sistematizar tudo o que foi feito ao longo da atividade.	Chapéus de pizzaiolo; Massa de pizza; Polpa de tomate; Cogumelos; Fiambre aos cubos; Milho; Queijo ralado; Pratos de esferovite; Taças; Colheres; Cortador de pizza; Imagem de um telemóvel; Rolo da massa; Pá de pizza; Toalhitas.

A planificação apresentada foi pensada para interligar com o tema sobre as profissões e enquadra-se na área do Conhecimento do Mundo, uma atividade realizada numa sala com crianças com 3 anos em que os conteúdos previamente estipulados foram ao encontro das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016).

A importância de trabalhar esta componente com as crianças em idade Pré-Escolar, é destacada, uma vez que nas orientações curriculares, pois estão presentes algumas das aprendizagens a promover neste domínio relativamente às profissões.

Neste sentido, é importante que o educador desenvolva e enriqueça os conhecimentos das crianças, partindo da sua curiosidade, desenvolvendo e criando diversificadas estratégias que promovam e desenvolvam as suas aprendizagens como resposta às suas questões.

Silva et al. (2016, p. 85) referem que a curiosidade deve ser desenvolvida através de “oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, bem como pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e interesse por explorar, questionar, descobrir e compreender.”

Silva et al. (2016, p. 26) sustentam que a organização do espaço é “expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo.” Neste sentido, ao planificar este tipo de estratégias, cabe-nos arranjar soluções a utilizar para que não haja nada que corra mal relativamente as mesmas.

Em relação à organização do espaço, as mesmas autoras (p.26) referem ainda que “é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia das crianças e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar.”

Segundo Lopes e Silva (2015), outra das estratégias fundamentais a aplicar na sala de atividade é estabelecer uma ligação entre as suas aprendizagens, criando oportunidades para relacionar e comunicar o que já conhece. Primeiramente fiz uma pequena dramatização para que o grupo chegasse ao tema da atividade e questionei-os sobre o que observavam “partindo dos conhecimentos da criança [...] e tornando-os o ponto de partida para a construção e aquisição de novos conhecimentos” (Pereira, 2002, p.76). Deste modo, chegaram ao tema da atividade, apenas por observarem a dramatização e por observarem os utensílios que os pizzaiolos utilizam na sua profissão.

No decorrer desta atividade procurei privilegiar a participação ativa das crianças em todas as fases da elaboração da pizza e com que eles se sentissem autónomos, visto que, de acordo com Martins et al. (2009, p.21), “favorece o entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas ações”.

A transmissão de conhecimentos as crianças de uma forma lúdica, torna-se numa aprendizagem significativa, assim como a participação oral de cada uma, neste sentido estamos a formar futuros cidadãos participativos e críticos.

Estanqueiro (2010, p. 38-39) afirma que o papel da criança não deve ser “encarado como um “banco” que recebe e guarda passivamente os “depósitos” oferecidos pelo professor. (...) Os alunos têm que participar ativamente nas atividades da aula.”

Em suma, é necessário que a educadora estruture e organize o espaço, com ou sem ajuda das crianças, para que consiga alcançar sempre o melhor produto final o no que diz respeito à concentração e a atenção das crianças.

Os recursos utilizados nesta atividade permitiram que as crianças aprendessem não de forma expositiva, mas também na prática, uma vez que participaram ativamente ao longo de toda a atividade.

2.3.2. Planificação do Domínio da Matemática (3 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 5) é dirigido à faixa etária dos 3 anos. Esta atividade tem a duração de 30 minutos e enquadra-se no Domínio da Matemática com o material Cuisenaire.

Tabela 5

Planificação de atividade do Domínio da Matemática (3 anos)

ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO DO DOMÍNIO DA MATEMÁTICA			
TEMPO	COMPONENTE	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
30 min	Número e Operações Noção de Número; Cálculo Mental.	Preparar previamente o centro da sala de aula colocando uma piscina insuflável, peixes grandes, baldes identificados com 5 símbolos diferentes e canas de pesca; Sentar as crianças no chão à volta da piscina insuflável; Contextualizar a atividade realizando uma pequena dramatização; Questionar e explorar os materiais que têm à sua frente; Solicitar a participação de uma criança de cada vez, para que retire um algarismo do saco sem ver. De seguida a criança terá de dizer ao grupo qual foi o algarismo que retirou do saco e consoante o que saiu pesca a quantidade de peixes e coloca num dos baldes identificados. Fará assim até chegar ao quinto balde identificado; Questionar as crianças, lembrando e contando quantos peixes apanhados para cada balde; Ir a cada balde e interligarmos a quantidade de peixes à peça do Cuisenaire com o respetivo valor; Terminar a atividade a cantar a canção do peixinho encarnado.	Cuisenaire em grande; Piscina insuflável; Canas de pesca; Peixes grandes com ímanes; 5 baldes identificados com 5 símbolos diferentes; Saco com algarismos de 1 a 5.

A componente desta planificação, números e operações, enquadra-se na área de Expressão e Comunicação, mais propriamente no domínio da Matemática, de acordo com as OCEPE (2016).

Torna-se importante abordar esta componente com crianças da Educação Pré-Escolar, pois as mesmas, desenvolvem aprendizagens significativas. Silva et al. (2016, p. 77) defendem que as aprendizagens a promover são: “identificar quantidades através de diferentes formas de representação (...) e resolver problemas do quotidiano que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração.”

A primeira estratégia (sentar as crianças no chão) pode ser considerada com sendo uma condicionante no decorrer da atividade, porque as crianças podem ficar inquietas e se distrair com qualquer coisa, só pelo simples facto de terem mudado de local relativamente ao que estão habituados com a educadora do grupo.

Por isso, realizei algumas estratégias para desenvolver esta componente, pois cabe ao educador saber gerir bem o espaço e o seu grupo de crianças, proporcionando uma boa organização do grupo, antes de iniciar qualquer atividade.

O material que utilizei como auxílio para o desenvolvimento desta atividade foi, o Cuisenaire, um material manipulável, que contém barras em forma de prismas quadrangulares com dez cores e dez comprimentos diferentes (1 a 10 cm). A peça branca é a peça padrão que serve de medida para todas as outras, logo representa uma unidade, e em cada face quadrada mede-se 1 cm de aresta. É um material muito apelativo pelas suas cores e pode ser trabalhado desde os três anos.

Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009) define o material Cuisenaire como sendo: As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental (...) para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p. 126)

No entanto, não basta que o educador conheça e domine os conceitos matemáticos a abordar com as crianças e para que tenha sucesso na transmissão dos conhecimentos. Os conceitos matemáticos devem ser abordados de uma forma diferente, desafiadora e lúdica, com isto estamos a estimular as crianças o gosto pela motivação e pela aprendizagem e em querer saber mais, mas consoante a faixa etária das crianças temos sempre de adequar as atividades realizadas.

A recorrente utilização de materiais matemáticos e a sua manipulação permitem à criança efetuar aprendizagens significativas. Caldeira (2009) aborda estas ideias quando afirma que se devem propor às crianças atividades “com materiais de forma adequada à sua idade, fomentar a motivação, valorizando o aluno, com os seus conhecimentos e valores, respeitando as suas diferenças, de modo a que possam (...) construir ideias a conceitos.” (p. 36) Igualmente, Silva et al. (2016) referem que “a utilização de materiais diversos favorece essas capacidades operativas como, por exemplo, construção de uma linha mental de números (cuisenaire, contas de enfiamentos).” (p. 77)

A colaboração das crianças na arrumação do material é sempre uma mais-valia e também é sempre viável na criação de hábitos sociais saudáveis, como o espírito de

equipa e de iniciativa. Ao mesmo tempo, podem “ordenar e atender a espetos como a propriedade da cor e do tamanho. Podem assim fazer a correspondência cor/número, gradualmente.” (Caldeira, 2009, p. 129)

Esta competência também foi realizada no início da atividade, quando as crianças realizaram a “escada” com o Cuisenaire em grande, revêm os valores e a cor de cada peça e colocam-nas por ordem crescente.

Para terminar a atividade, recorri a uma música que as crianças já conheciam e assim consegui que o grupo ficasse calmo e é sempre uma mais-valia trabalhar a Expressão e Educação Musical. Sabe-se que o ser humano, desde que quando ainda está na barriga da mãe e depois quando nasce é rodeado pela música, seja para a mãe ou para o bebé descontraírem, meditare, para socializar ou até mesmo dançarem.

Segundo Gordon (2000, citado em Sampaio, 2018), o momento ideal para iniciar a aprendizagem da música “é a data do nascimento, considerando os primeiros anos da criança, como cruciais no desenvolvimento psicomotor desta. Uma grande variedade sonora na infância terá um grande impacto na forma de entender e apreciar a música em idade adulta.” (p. 82)

Por fim, o educador, ao recorrer à interdisciplinaridade, é uma mais-valia e proporciona uma variedade de atividades, as quais se traduzem em elevados contributos para o desenvolvimento da criança, permitindo uma maior interpretação de sons, noção de tempo e perceção das regularidades.

2.3.3. Planificação do Domínio da Matemática (4 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 6) destina-se à faixa etária dos 4 anos, uma atividade de 30 minutos, enquadrada no Domínio da Matemática com o material 3.º Dom de Froebel.

No início desta atividade, pedi às crianças que se sentassem nos respetivos lugares, pois é uma mais valia que estas tenham as suas rotinas e as crianças só crescem e percebem com rotinas, porque quando saímos um pouco da rotina as crianças Para Cordeiro (2012), a rotina é um “elemento repetitivo que dá segurança à criança, que a ajuda a prever o que vai acontecer e que a tranquiliza.” (p.108) é um “elemento repetitivo

que dá segurança à criança, que a ajuda a prever o que vai acontecer e que a tranquiliza.”
(p.108)

Tabela 6

Planificação de atividade do Domínio da Matemática (4 anos)

ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO DO DOMÍNIO DA MATEMÁTICA			
TEMPO	COMPONENTE	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
30 min	Cálculo Mental; Adição; Subtrações;	Pedir às crianças que se sentem nos respetivos lugares para que consigamos cantar a música; Iniciar a aula cantando uma música de natal com as crianças; Distribuir previamente os Dons de Froebel (3.º) e as bases pretas de papel eva por cada criança; Relembrar as regras e as características do material; Realizar construções com o 3.º Dom (cama, mesa e cadeiras e cadeirão); Promover o cálculo mental com pequenas adições e subtrações partindo de situações problemáticas com o auxílio de material não estruturado; Terminar com a mesma canção de natal, enquanto arrumam o material.	Bases pretas; 3.º Dom de Froebel; Instrumento Musical- Triângulo; Material não estruturado: Flocos de neve em papel eva; Árvore de natal em papel eva; Bolinhas em papel eva;

Durante o dia-a-dia de uma criança, a criança precisa de uma sequência de acontecimentos, que a esses acontecimentos se chamam de rotinas, tanto da hora da higiene, como a hora das refeições, como a hora do recreio, etc. A criança precisa de rotinas para se habituar às coisas, sendo que tudo é uma novidade para as crianças.

Para começar esta atividade de uma forma mais lúdica achei por bem, pedir a todas as crianças que se colocassem de pé para cantarmos a música das Broas de Mel.

De acordo com Silva et al. (2016), a música funciona como uma situação favorável à expressão das vivências criativas das crianças, favorecendo assim a utilização de palavras, sons e imagens. As mesmas autoras defendem que “ a abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o fazer e bem-estar da criança.” (p.54)

Desta forma e de acordo com estas mesmas autoras, torna-se fulcral que este tipo de atividades esteja presente no jardim de infância, uma vez que há uma ponte entre a música e em si e o desenvolvimento da linguagem, no que diz respeito a trabalhar letras,

“ ... tirar partido das rimas para discriminar os sons, explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original.” (p.55) Assim, com esta atividade consegui essa ligação com a música.

De seguida, decidi realizar uma atividade com o grupo e optei por utilizar o material matemático 3.º Dom de Froebel, que é constituído por uma caixa de madeira em forma de cubo, com 8 cubos de madeira. Decidi escolher este material porque já tinha observado a educadora a trabalhar com o grupo com o mesmo material e consegui observar que eles adoravam, e decidi então trabalhar este material com o grupo, sendo que dá para fazer imensas construções e trabalhar a lateralidade e desenvolver algumas capacidades/destrezas.

Segundo Caldeira (2009, p. 241), “os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.”

No realizar desta atividade, optei por usar com o grupo algum material não estruturado para realizar algumas situações problemáticas e sendo mais fácil para a criança de entender a situações problemáticas e só vai facilitar a aprendizagem da mesma e, para Zabalza (como citado em Moreira & Botas, 2013, p. 255), todos os materiais didáticos manipuláveis, “são meios que ajudam a responder aos problemas concretos que as diferentes fases do processo de planeamento, execução e avaliação lhes apresentam”.

A colaboração das crianças na arrumação do material é sempre uma mais-valia e também é sempre viável na criação de hábitos sociais saudáveis, como o espírito de equipa e de iniciativa.

Para terminar a atividade, voltei a cantar a mesma canção com as crianças.

2.3.4. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (4 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 7) destina-se à faixa etária dos 4 anos, uma atividade de 30 minutos, enquadrada na Área do Conhecimento do Mundo com o tema sobre as plantas.

Tabela 7*Planificação de atividade da Área do Conhecimento do Mundo (4 anos)*

ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO E ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO			
TEMPO	COMPONENTE	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
30 min	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita: Desenvolver a motivação para a leitura; Área do Conhecimento do Mundo: As plantas: Germinação. Consciencialização para a importância do ambiente; Contacto com outros seres vivos.	Iniciar a atividade com a leitura de uma história “Ainda Nada?” Questionar as crianças sobre a história que ouviram; Ouvir as conceções prévias das crianças sobre qual a diferença entre semear e plantar, esclarecendo de imediato, se necessário; Sentar as crianças nos respetivos lugares; Distribuir previamente o material em cima das mesas; Solicitar a ajuda de duas crianças para distribuírem o protocolo experimental; Deixar as crianças explorarem o material; Lançar a questão-problema: “O feijão cresce em algodão?”; Identificar as previsões recorrendo ao quadro com as duas imagens; Realizar a experiência seguindo os passos do protocolo experimental; Registar as observações e confrontar os resultados com as previsões; Concluir a atividade respondendo à questão-problema; Sistematizar tudo o que foi feito ao longo da atividade; Continuar a explorar propondo às crianças novos temas ou curiosidades sobre as plantas para uma próxima aula.	Almofadas; História “Ainda Nada?”; Protocolo Experimental; Copos de plástico; Algodão; Sementes de feijão; Água.

Decidi escolher esta planificação para abordar temas sobre a Área do Conhecimento do Mundo. De acordo com Silva et al., (2016, p. 85), “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê”. A curiosidade deve ser incentivada desde cedo, nomeadamente na Educação Pré-Escolar, em que o educador, deve criar oportunidades que suscitem e fomentem o interesse do grupo por explorar, descobrir, questionar e compreender. A criança deve ter a oportunidade de comunicar e aprofundar o que já conhece do tema, e se não conhecer, deveremos suscitar a sua curiosidade e o interesse pelo mesmo.

Iniciei esta atividade, sentando as crianças nos respetivos lugares e, de seguida, mostrando a capa do livro e questioneei sobre o que observavam na capa, pedindo-lhes que falassem sobre o que pensavam que iria acontecer na história.

Segundo Azevedo (2006), a componente icónica assume um papel fundamental nas histórias dirigidas às crianças, constituindo-se como um poderoso auxiliar para os mais novos, ou ao leitor com pouca experiência, uma vez que “a componente icónica fornece-lhe um conjunto de pistas que, em larga medida o auxiliam a organizar a informação e a fertilizar o imaginário, permitindo-lhe conhecer determinadas representações culturalmente codificadas como aquilo que são, por exemplo, os ogres, os duendes.” (Azevedo, 2006, p. 13)

O conto de histórias na Educação Pré-Escolar é uma ótima estratégia e muito comum, que proporciona à criança a oportunidade de desenvolver aprendizagens e de desenvolver a sua imaginação ao ouvir a história. Segundo Azevedo (2006), através da literatura infantil, as crianças “têm a possibilidade de aceder a um conhecimento singular do mundo, expandindo os seus horizontes numa pluralidade de perspetivas (cognitiva, linguística e cultural)” (p. 11).

De seguida, realizei uma atividade experimental com o grupo, e é essencial na abordagem do Conhecimento. Silva et al. (2016) chamam a atenção para o facto de que o desenvolvimento da Área do Conhecimento do Mundo assenta “no contacto com a metodologia própria das ciências para fomentar nas crianças uma atitude científica e investigativa. Esta atitude significa seguir o processo de descoberta fundamentada que caracteriza a investigação científica” (p. 86).

Estas mesmas autoras referidas acima, uma das aprendizagens a promover na introdução à metodologia científica, é que a criança seja capaz de “apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las” (p. 86).

Uma vez identificada a questão problema “O feijão cresce em algodão?”, promovi um debate entre os alunos apurando os conhecimentos prévios sobre o tema em questão, nomeadamente, se era possível o feijão crescer em algodão ou não. Tal como referem Boaventura e Caldeira (2018, p. 34), quando o aluno “resolve um problema proposto, aplica, raciocina conceitos e conteúdos, desenvolve conexões, utilizando a comunicação e o seu pensamento e conhecimento.”

Sá (2000) refere que “a ciência para crianças pode ser considerada como um processo que lhes intima o pensamento na busca de superiores níveis de conhecimento e compreensão do mundo envolvente” (p. 3). Assim importa privilegiar uma perspetiva experimental, permitindo às crianças aprender e desenvolver competências que englobam valores e princípios essenciais assim como processos e práticas.

As crianças são curiosas e gostam de aprender coisas novas. Na infância, o seu pensamento está ligado à ação sobre objetos concretos, em que as “crianças aprendem fazendo e pensando sobre o que fazem.” (Sá, 1994, p.26)

Desde muito cedo as educadoras podem interligar a aprendizagem, fazendo experiências com o grupo, porque são estratégias diferentes e versificadas e é uma boa maneira para o grupo ficar interessado e motivado.

2.3.5. Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 8) destina-se à faixa etária dos 5 anos, uma atividade de 30 minutos, enquadrada no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Tabela 8

Planificação de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)

ÁREA DA EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO DO DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA			
TEMPO	COMPONENTE	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
30 min	Consciência Linguística e Fonológica da palavra	Iniciar a atividade cantando a canção dos bons dias e relembrando os dias da semana; Levar as crianças para o recreio, para que possam ouvir a história num ambiente diferente; Sentar as crianças em U, para que tenham uma visão diferente da história; Ler a história A que Sabe a Lua?; Dinamizar a história com as crianças; Questionar as crianças sobre a história; Solicitar ao grupo que se sentem nos respetivos lugares; Trabalhar as seguintes palavras "alta, dia, doce e lua" com o grupo todo; Distribuir a proposta de trabalho por cada criança; preencher um crucigrama com letras móveis, de modo, a formar as palavras trabalhadas; Terminar a atividade realizando um desenho alusivo à história.	História A que Sabe a Lua?- Michael Grejniec Propostas de trabalho, crucigrama e desenho; PowerPoint; Computador; Letras móveis; Imagens dos animais da história; Cenário.

Segundo Silva et al. (2016), “um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao/à educador/a criar as condições para que as crianças aprendam” (p. 61), neste caso toda a atividade foi pensada para trabalhar a consciência fonológica e linguística .

Iniciei esta atividade com uma canção, um processo simples e fundamental na aprendizagem de novos vocábulos em crianças tão pequenas. Segundo Chard e Dickson (como citado em Ruivo, 2013, p.2), “a consciência fonológica resulta de um

desenvolvimento contínuo, desde atividades simples como canções em que existem rimas, seguindo-se a segmentação de frases, a segmentação e combinação de sílabas”.

Segundo Ruivo (2013, p.1), “a consciência fonológica é uma das competências fundamentais para fazer emergir todo o potencial linguístico da criança de forma a promover uma melhor literacia”, ainda a mesma autora refere que as letras móveis são também fundamentais para a formação de novas palavras, logo, ao recorrer a este tipo de estratégias podemos ajudar as crianças a manipular e a dominar melhor estas novas aprendizagens.

Para iniciar esta atividade coloquei o grupo sentado em U em cima das almofadas no chão recorri a esta estratégia porque precisava que o grupo estivesse concentrado e participasse ativamente na história e tivesse uma melhor visão da mesma. Curry (2003) afirma que “Sentar em forma de U ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima torna-se agradável e a interação social dá um grande salto em frente.” (p.125)

A história que contei ao grupo de 5 anos chamava-se “A que sabe a Lua?” para a contar utilizei o livro e também um *placard* com o cenário, que depois de contar a história iria ordenar a história com as crianças. À medida que a história decorria as crianças também eram incentivadas a fazer os diversos sons dos animais e pedi que algumas crianças lessem algumas palavras da história. A leitura está associada à aquisição de hábitos (Magalhães, 2008 p.58), como tal, a literatura infantil deve fazer parte do dia-a-dia destas crianças.

De acordo com Pimentel (2017):

É relevante refletir sobre a importância de ler/contar e dinamizar histórias para e com as crianças desde a mais tenra idade, pois irá contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo da criança. De forma a proporcionar momentos de interação entre adulto-criança, esta deve ser convidada e incentivada a participar, tornando assim estes momentos mais prazerosos e ativos para a criança. (p.4)

Contar e ler histórias na Educação Pré-Escolar é de extrema relevância pois, é um momento que desperta o interesse das crianças, independentemente da idade. De acordo com o Mata (2008), “é indiscutível e de largo consenso a importância da prática de leitura de histórias, enquanto atividade regular, agradável e que proporciona interações e partilha de ideias, concepções e vivências.” (p. 78)

Com as crianças já na sala, distribuí uma proposta de trabalho, um crucigrama e letras móveis por cada criança. Neste crucigrama existiam quatro palavras para serem trabalhadas, tais como: “alta, dia, doce e lua”. Comecei por escolher uma das palavras, e de seguida comecei por relembrar algumas das regras dessa palavra utilizando o método João de Deus, a Cartilha Maternal.

Segundo Ruivo (2009):

O Método João de Deus se insere porquanto constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens. (p. 100)

Por fim pedi às crianças que fizessem um desenho sobre a história que tinham ouvido. De acordo com Consiglieri (2017, p. 92), “a interpretação e a reflexão sobre as obras de arte, revelam-se como um instrumento de trabalho em que aprendizagem da apreciação – «olhar e ver» – permite o desenvolvimento do sentido crítico e estético.”

Pedir às crianças para fazerem o desenho sobre a história, faz desenvolver a criatividade e faz com a que criança também desenvolva a memória e se lembre da história e do que mais gostou e aí irá desenhar o que mais lhe chamou à atenção. Segundo Morel (2011, citado em Consiglieri, 2017, p. 53), “a criatividade e a liberdade são fundamentais para uma melhor aprendizagem de uma pedagogia moderna e democrática, contribuindo, assim para uma sociedade ‘aberta’ e humanista”.

2.3.6. Planificação da Área do Conhecimento do Mundo (5 anos)

O plano de atividade abaixo apresentado (tabela 9) destina-se à faixa etária dos 5 anos, uma atividade de 30 minutos, enquadrada na Área do Conhecimento do Mundo.

Tabela 9

Planificação de atividade da Área do Conhecimento do Mundo (5 anos)

ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO			
TEMPO	COMPONENTE	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
30 min	Conhecimento do mundo físico e natural; Atividades sobre a água	Contextualizar a atividade com uma história infantil “A Branca de Neve e os sete anões”; Colocar a questão-problema: Será que contém mais, menos ou a mesma água? Identificar as conceções alternativas individualmente, recorrendo ao preenchimento de uma tabela; Realizar a experiência seguindo os passos do protocolo experimental; Registar as observações e confrontar os resultados com as previsões; Concluir, respondendo à questão-problema; Sistematizar tudo o que foi feito ao longo da atividade; Continuar a explorar questionando as crianças sobre outras questões-problema que gostassem de resolver.	Folha de registos; Luva; Aquário; Tina retangular; Baloão; Garrafa 1; Garrafa 2; Água; 6 recipientes-medida transparentes.

Decidi escolher esta planificação para abordar temas sobre a Área do Conhecimento do Mundo. E abordar o tema sobre o mundo físico e natural, com o tema sobre a água, sendo que é um recurso que as crianças utilizam todos os dias, que faz parte da rotina de cada criança, seja em casa ou seja na escola. Para isso, realizei uma experiência com o grupo.

Segundo Silva et al. (2016, p.90), “o contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças”, proporciona assim várias oportunidades para “refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem.” As crianças ao realizarem a experiência com a água, têm contacto com elementos da natureza e ficam mais próximas do mundo real.

O educador tem um papel importante de esclarecer quanto ao propósito da atividade a desenvolver e ao que é esperado delas, de modo a potencializar as suas aprendizagens. Para que isto se desenvolva é necessário existir uma preocupação no que diz respeito à preparação de atividades. É importante utilizar estratégias certas para que o nosso objetivo seja alcançado. “Na seleção de estratégias de ensino há que equacionar as ideias prévias identificadas nos alunos, por diversos processos, abolindo a visão tradicional de as encarar como “erros” (...)” (Martins et al., 2007, p.33).

Para Martins et al. (2007), as crianças criam pré-conceitos sobre determinadas situações as quais cabe ao educador esclarecer, dando as ferramentas necessárias para continuar a construir esses conceitos.

Ao realizar esta atividade, decidi fazer a contextualização através de uma história da Branca de Neve e os sete anões. De seguida, coloquei uma questão às crianças, para tentarem descobrir por elas mesmas qual seria o anão que as mesmas achavam que teria mais, menos ou a mesma quantidade de água no recipiente despertando assim a curiosidade para a atividade prática. Martins et al. (2009, p. 13) referem que a “educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente”.

Depois de as crianças realizarem as previsões, fizemos a atividade experimental, seguindo os passos do protocolo e realizando a atividade prática. Este género de atividades práticas que desenvolvemos com as crianças na Educação Pré-escolar são essenciais para podermos explorar com as mesmas vivências de experiências cruciais. De acordo com Roldão (2009), “planear acções de ensinar eficazes implica assumir uma postura estratégica, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade pretendida, no caso, a aprendizagem de alguma coisa” (p.57).

Como futura educadora, pretendo realizar várias atividades práticas e construir material apelativo sempre que possível para cativar o interesse das crianças e que adquiram mais aprendizagens significativas, e por consequência, mais conhecimento.

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

3.1. Síntese do Capítulo

No presente capítulo faço uma pequena pesquisa sobre o conceito de avaliação na Educação Pré-Escolar e apresento três dispositivos de avaliação das atividades realizadas no contexto da prática profissional I, II e III, que realizei nas diferentes faixas etárias, três propostas de trabalho, contemplando os Domínios da Matemática, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e da Área do Conhecimento do Mundo, destinados a cada faixa etária na Educação Pré-Escolar. Serão também apresentadas grelhas com parâmetros, os critérios de avaliação, os gráficos com a análise dos resultados e, por fim, as conclusões a que cheguei.

3.2. Fundamentação Teórica

Definir o termo avaliação é uma tarefa complexa, pois são vários os autores que definem o conceito de avaliação, tentando perceber a importância da mesma e de refletir sobre a melhor maneira de ser posta em prática.

Pinto e Santos (2006) afirmam que:

A avaliação assume na sociedade contemporânea um papel de destaque no campo pedagógico pois, para além de fornecer dados relevantes sobre o desempenho escolar dos alunos, pode dar-nos igualmente informações essenciais para ajudar o aluno a aprender melhor e, portanto, a construir uma escola de qualidade. (p. 7)

Também Leite e Fernandes (2002, p. 21) reiteram que “avaliar é muito mais do que atribuir uma nota, uma quantificação, uma classificação (...)”.

Este processo deve ser entendido como um meio para resolver as dificuldades da criança. De acordo com a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar, é uma ferramenta de apoio importante:

A avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita

estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução. (pp. 2-3)

Cardona et al. (2021) mostram a avaliação como uma “missão primordial” que ajuda o educando a aprender e desenvolver-se, servindo “para adequar o desenvolvimento do currículo às necessidades da criança, de modo a que esta possa evoluir e aprender (aquilo que o currículo propõe)” (p.15).

Na Educação Pré-Escolar, tal como é referido por Gaspar (2010), a avaliação diagnóstica, que é a primeira a ser elaborada, geralmente realiza-se no início do cada ano letivo e a sua finalidade é a preparação inicial para a aprendizagem. Contudo, a avaliação de diagnóstico deve ser utilizada sempre que necessário antes de qualquer unidade de aprendizagem nova. Já a avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático, recolhe a uma grande variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados às aprendizagens.

A avaliação deve levar à tomada de decisões, à recolha de informação, a envolver diversos intervenientes na mesma (professores, pais, alunos e outros), a valorizar os contextos e a definir critérios para se proceder a uma apreciação valorativa (Matos, 2011).

Segundo Lopes e Silva (2020, p.3), é possível perceber que a avaliação para a aprendizagem consiste em compreender o conhecimento das crianças, as suas falhas na aprendizagem e adaptar a prática pedagógica de forma a ir ao encontro das crianças, com o objetivo de os ajudar no seu desenvolvimento da aprendizagem. A avaliação como aprendizagem consiste num trabalho entre o professor e o aluno. Permite ao aluno obter informações sobre a sua aprendizagem e utilizar o feedback para adaptar e fazer ajustes no seu rendimento escolar.

O educador deve transmitir às crianças o *feedback* da avaliação, pois só depois do *feedback* é que a criança consegue melhorar, evoluir, corrigindo os seus erros. Para Albrecht (1994):

A avaliação formativa foi pensada como um instrumento, por assim dizer, com múltiplos usos, destinado a ser útil tanto a quem aprende como a quem ensina, quer para fazer o ponto da situação, quer para encontrar meios de combater falhas e corrigir problemas. (p.34)

No momento da avaliação dos dispositivos, recorri a uma escala de avaliação. Para a realização das avaliações que desenvolvi utilizei uma escala, baseada na Escala de Likert, que compreende os valores entre 0 e 10 e está organizada da seguinte forma (Tabela 10):

Tabela 10

Escala de Likert

1 – Fraco	0 a 2,9 valores
2 – Insuficiente	3 a 4,9 valores
3 – Suficiente	5 a 6,9 valores
4 – Bom	7 a 8,9 valores
5 – Muito Bom	9 a 10 valores

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização da atividade

A presente proposta de atividade do Domínio da Matemática foi realizada na sala dos 4 anos, com um grupo de 21 crianças, para identificar o cálculo mental e a motricidade fina das crianças, através de um pictograma e na colagem das imagens no respetivo. Durante a realização desta atividade, as crianças têm que estar concentradas de forma a conseguirem atingir todos os objetivos pretendidos com a atividade (Anexo 1).

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Para este dispositivo de avaliação foram definidos 2 parâmetros: Cálculo Mental e Motricidade Fina.

Cálculo Mental: este parâmetro tem como objetivo perceber se a criança é capaz de colar corretamente a quantidade de ovos por cada dia da semana, de segunda a sexta-feira.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Cola corretamente os 5 ovos na 2.^a feira;
- Cola corretamente os 4 ovos na 3.^a feira;
- Cola corretamente os 8 ovos na 4.^a feira;
- Cola corretamente os 3 ovos na 5.^a feira;

- Cola corretamente os 4 ovos na 6.^a feira;
- Resposta incorreta.

Motricidade Fina: este parâmetro tem como objetivo perceber se a criança, ao colar as imagens, respeita os contornos da figura.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Cola corretamente respeitando os contornos entre 20 a 25 ovos;
- Cola corretamente respeitando os contornos entre 1 a 19 ovos;
- Resposta incorreta.

Na seguinte tabela (Tabela 11) apresento a grelha de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Tabela 11

Cotações atribuídas aos critérios definidos para a proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (4 anos)

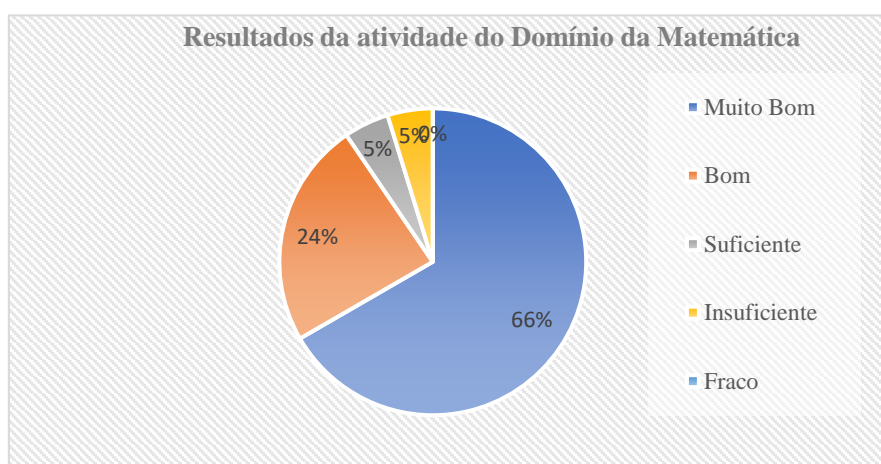
	Parâmetros	Critérios de Avaliação	Cotação	
1.	Cálculo Mental	1.1 Cola corretamente os 5 ovos na 2. ^a feira	1,5	7,5
		1.2 Resposta incorreta	0	
		1.3 Cola corretamente os 4 ovos na 3. ^a feira	1,5	
		1.4 Resposta incorreta	0	
		1.5 Cola corretamente os 8 ovos na 4. ^a feira	1,5	
		1.6 Resposta incorreta	0	
		1.7 Cola corretamente os 3 ovos na 5. ^a feira	1,5	
		1.8 Resposta incorreta	0	
		1.9 Cola corretamente os 4 ovos na 6. ^a feira	1,5	
		1.9 Resposta incorreta	0	
2.	Motricidade Fina	2.1 Cola corretamente respeitando os contornos da figura entre 20 a 25 ovos	2,5	2,5
		2.2 Cola corretamente respeitando os contornos da figura entre 1 a 19 ovos	1,5	
		2.3 Resposta incorreta	0	
			Total: 10	

3.3.3. Apresentação e análise de resultados

No gráfico seguinte (Figura 1), e com base na grelha dos resultados da atividade do Domínio da Matemática (Anexo 2), apresentam os resultados desta atividade realizada com crianças de 4 anos.

Figura 1

Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática



Da análise deste gráfico (Figura 1), conseguimos perceber que a maior parte das crianças deste grupo obtiveram bons resultados nesta atividade, umas com mais dificuldades, mas, no geral, o grupo obteve bons resultados.

Das 21 crianças que realizaram a proposta de atividade, a maioria conseguiu realizar a proposta de atividade com sucesso, correspondendo a 66 % do grupo com Muito Bom. Os restantes resultados também foram positivos, registando-se 5 crianças com classificação de Bom, que corresponde a 24% do grupo. Uma criança, ou seja, 5% do grupo teve Suficiente, e outra criança, ou seja, insuficiente.

Como primeira observação dos resultados obtidos, foram quase todos positivos. É possível concluir que o grupo compreendeu as questões elaboradas, ou seja, apresenta uma boa capacidade perceptiva auditiva.

Posso concluir também que a maior parte das crianças conseguiu colar os ovos respeitando a indicação que dei de quantos ovos tinham de colar dentro das respetivas colunas.

Relativamente à Motricidade Fina, o grupo revelou algumas dificuldades. Que devem ser trabalhadas através de atividades para esse mesmo efeito.

Para Serrano e Luque (2015), a motricidade fina:

É essencial para o desempenho das tarefas que a criança realiza diariamente: vestir-se, abotoar botões (...), e todas as tarefas que se realizam com lápis e canetas

(pintar, escrever, etc.). Sem estas competências de motricidade fina, a criança vê o seu desempenho diminuído, afetando a autoestima e a aprendizagem escolar. (p. 20)

Com base na análise da grelha de correção (Anexo 2) referente à avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática, com um grupo de 21 crianças com 4 anos de idade, concluo que a maioria das crianças atingiu os objetivos pretendidos, apesar de existirem algumas crianças que não respeitassem os contornos ao pintarem as figuras.

Enquanto futura educadora, acho que é essencial nestas idades de pré-escolar promover e trabalhar certas atividades de desenvolvimento da Motricidade Fina. Para Silva et al. (2016), “a criança deverá ter a oportunidade de aperfeiçoar estas habilidades, realizando diferentes combinações de elementos já conhecidos ou reinventando outras formas de utilizar os materiais” (p.45).

3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.1. Contextualização da atividade

A presente proposta de atividade explora o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada no dia 7 de novembro 2022, por um grupo de 15 crianças com 5 anos de idade.

Esta proposta de trabalho (Anexo 3) integra 3 exercícios. No primeiro, as crianças têm de circundar com o lápis cor de laranja as letras vogais; o segundo exercício as crianças escrevem as letras vogais em letra bicuda; no terceiro e último exercício, requer que as crianças identifiquem a primeira letra do nome da imagem que observam e que pintem apenas as imagens iniciadas pelo som da letra “v”.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta proposta de atividade foram formulados quatro parâmetros de avaliação:

1. **Identificação de vogais:** neste parâmetro, verifiquei se as crianças sabiam quais eram as vogais e através da associação de uma cor circundar as mesmas.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Circunda corretamente todas as vogais;
- Circunda corretamente quatro vogais;

- Circunda corretamente três vogais;
 - Circunda corretamente duas vogais;
 - Circunda corretamente uma vogal;
 - Resposta incorreta.
2. **Caligrafia:** neste parâmetro observei se criança era capaz de escrever as cinco vogais corretamente.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Escreve corretamente as cinco vogais;
 - Escreve corretamente quatro vogais;
 - Escreve corretamente três vogais;
 - Escreve corretamente duas vogais;
 - Escreve corretamente uma vogal;
 - Resposta incorreta.
3. **Reconhecimento do som da letra “v” no início da palavra à imagem:** neste parâmetro analisei o reconhecimento do som da letra “v” através de imagens.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Pinta as três imagens com o som da letra “v”;
 - Pinta as duas imagens com o som da letra “v”;
 - Pinta uma imagem com o som da letra “v”;
 - Resposta incorreta.
4. **Motricidade fina:** Pinta corretamente as imagens.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Pinta corretamente as imagens (três) respeitando os contornos;
- Pinta corretamente as imagens (uma/duas) respeitando os contornos;
- Resposta incorreta.

Na seguinte tabela (Tabela 12) apresento a grelha de avaliação no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Tabela 12

Cotações atribuídas aos critérios definidos para a proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos)

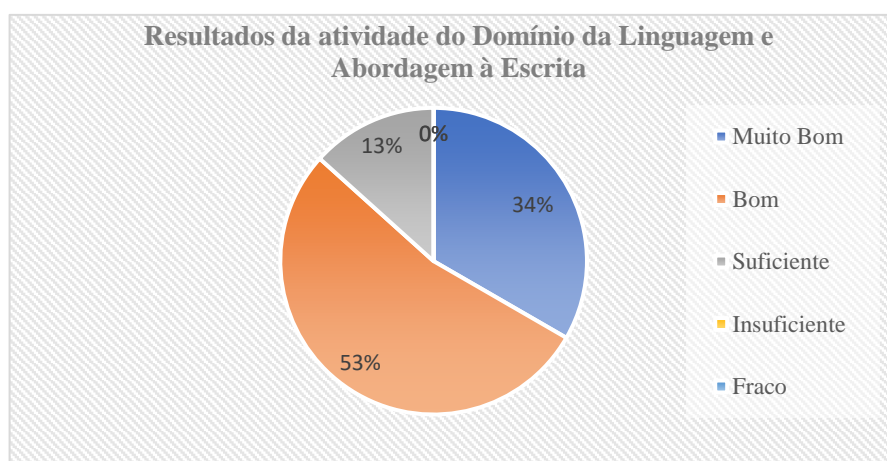
Parâmetros		Critérios de Avaliação	Cotação	
1	Identificação de vogais	1.1 Circunda corretamente as cinco vogais	2,5	2,5
		1.2 Circunda corretamente quatro vogais	2	
		1.3 Circunda corretamente três vogais	1,5	
		1.4 Circunda corretamente duas vogais	1	
		1.5 Circunda corretamente uma vogal	0,5	
		1.6 Resposta incorreta	0	
2	Caligrafia	2.1 Escreve corretamente as cinco vogais	2,5	2,5
		2.2 Escreve corretamente as quatro vogais	2	
		2.3 Escreve corretamente as três vogais	1,5	
		2.4 Escreve corretamente as duas vogais	1	
		2.5 Escreve corretamente uma vogal	0,5	
		2.6 Resposta incorreta	0	
3	Reconhecimento do som da letra “v” no início da palavra à imagem	3.1 Pinta corretamente as três imagens com o som da letra “v”	4	4
		3.2 Pinta corretamente uma/duas imagens com o som da letra “v”	2	
		3.3 Resposta incorreta	0	
4	Motricidade Fina	4.1 Pinta corretamente as imagens (três) respeitando os contornos	1	1
		4.2 Pinta corretamente as imagens (uma a duas) respeitando os contornos	0,5	
		4.3 Resposta incorreta	0	
			Total: 10	

3.4.3. Apresentação e análise de resultados

No gráfico seguinte (Figura 2), e com base na grelha dos resultados da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 4), apresento os resultados desta atividade realizada com crianças de 5 anos.

Figura 2

Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



Após a correção e análise do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 4), realizada com um grupo de 15 crianças com 5 anos de idade, posso inferir que duas crianças tiveram mais dificuldade em atingir os objetivos pretendidos, mesmo assim foram resultados positivos. O resto do grupo atingiu, na maioria, os objetivos propostos, 13% como suficiente, 53% de resultado Bom e 34% de Muito Bom (figura 2).

Ao analisar com mais atenção a grelha de avaliação (Anexo 4), observei que a grande dificuldade do grupo, foi no parâmetro da caligrafia. De facto, algumas das crianças apresentam uma caligrafia ilegível e irregular e outras crianças uma caligrafia pouco legível e pouco regular. Apesar de hoje ser "amplamente discutida a hipótese de uma caligrafia mais elaborada poder entrar a aprendizagem da escrita" (Batista et al. 2011, p.39) é inegável que o treino da caligrafia é essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita. De facto, "a caligrafia destina-se a tornar visível a coerência gráfica de um texto escrito à mão e a impedir que a escrita se torne um empecilho à leitura" (Batista et al. 2011, p.8).

Esta aprendizagem exige algum trabalho e disciplina por parte do educador e da criança. "A educação por mais voltas que se dê, é sempre a socialização de uma cultura; o acesso à cultura escrita, pela sua exterioridade ao sujeito e pela sua complexa mediatização simbólica, não pode deixar de conter uma componente agónica" (Magalhães, 2008, p.64).

Batista et al. (2011) apresentam uma variedade de atividades que podem ajudar a criança a melhorar a sua caligrafia, como: utilização de cadernos pautados ou utilização de quadrículas para fornecer pontos de referência adicionais para desenhar as letras; fazer uso do corpo do aluno para fornecer algumas medidas antropomórficas (um dedo, um polegar, dois dedos, etc.) que ajudem a estruturar o espaço da folha; utilizar cada uma das letras como referencial de proporcionalidade para a seguinte; e ainda a realização de alguns exercícios de expressão corporal e de grafismos de olhos fechados para ajudar a projetar mentalmente o movimento.

A grelha de avaliação indica-nos também que alguns elementos do grupo têm alguma dificuldade em respeitar os contornos quando pintam. "O desenvolvimento da

motricidade fina é essencial para a interação da criança com o meio e acontece quando a criança se relaciona com objetos e ferramentas" (Serrano & Luque, 2015, pp. 14-15).

3.5. Avaliação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo

3.5.1. Contextualização da atividade

A presente proposta de atividade explora a Área do Conhecimento do Mundo, realizada no dia 20 de janeiro 2023, por um grupo de 22 crianças com 3 anos de idade.

Esta proposta de atividade (Anexo 5) integra apenas 1 exercício, e tem como objetivo que as crianças identifiquem os 5 sentidos, os respectivos órgãos e corresponder a quantidade ao número. Sendo que na proposta de atividade, só abordei quatro dos sentidos, o olfato, a visão, a audição e o paladar.

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta proposta de atividade foram formulados quatro parâmetros de avaliação:

- 1. Reconhecimento dos órgãos dos sentidos:** neste parâmetro, verifiquei se as crianças associavam os órgãos dos sentidos ao algarismo.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Associa quatro órgãos dos sentidos ao algarismo;
- Associa três órgãos dos sentidos ao algarismo;
- Associa dois órgãos dos sentidos ao algarismo;
- Associa um órgão dos sentidos ao algarismo;
- Resposta incorreta.

- 2. Identificação das funções dos órgãos dos sentidos:** neste parâmetro observei se criança era capaz de reconhecer as funções dos órgãos dos sentidos

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes os seguintes critérios:

- Reconhece as funções de quatro órgãos dos sentidos;
- Reconhece as funções de três órgãos dos sentidos;
- Reconhece as funções de dois órgãos dos sentidos;
- Reconhece as funções de um órgão dos sentidos;
- Resposta incorreta.

3. Motricidade fina: neste parâmetro analisei se as crianças pintavam corretamente as imagens respeitando os contornos.

Este parâmetro de avaliação tem os seguintes critérios:

- Pinta sempre respeitando os contornos;
- Pinta muitas vezes respeitando os contornos;
- Pinta algumas vezes respeitando os contornos;
- Resposta incorreta.

Na seguinte tabela (Tabela 13) apresento a grelha de avaliação no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Tabela 13

Cotações atribuídas aos critérios definidos para a proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

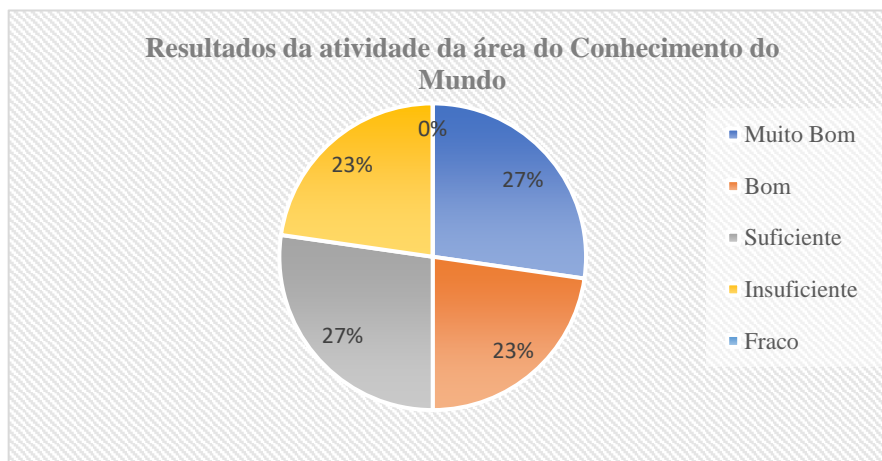
	Parâmetros	Critérios de Avaliação	Cotação	
1	Reconhecimento dos órgãos dos sentidos	1.1 Associa quatro órgãos dos sentidos ao algarismo	5	5
		1.2 Associa três órgãos dos sentidos ao algarismo	3,5	
		1.3 Associa dois órgãos dos sentidos ao algarismo	2,5	
		1.4 Associa um órgão dos sentidos ao algarismo	1,5	
		1.5 Resposta incorreta	0	
2	Identificação das funções dos órgãos dos sentidos	2.1 Reconhece as funções de quatro órgãos dos sentidos	2,5	2,5
		2.2 Reconhece as funções de três órgãos dos sentidos	2	
		2.3 Reconhece as funções de dois órgãos dos sentidos	1,5	
		2.4 Reconhece as funções de um órgão dos sentidos	1	
		2.5 Resposta incorreta	0	
3	Motricidade Fina	3.1 Pinta sempre respeitando os contornos	2,5	2,5
		3.2 Pinta muitas vezes respeitando os contornos	1,5	
		3.3 Pinta algumas vezes respeitando os contornos	1	
		3.4 Resposta incorreta	0	
			Total: 10	

3.5.3. Apresentação e análise de resultados

No gráfico seguinte (Figura 3), e com base na grelha dos resultados da atividade da Área do Conhecimento do Mundo (Anexo 6), apresentam-se os resultados desta atividade realizada com crianças de 3 anos.

Figura 3

Resultados da avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo



Após a análise do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo (Anexo 6), realizada com um grupo de 22 crianças com 3 anos de idade, posso verificar que a maior parte das crianças tiveram mais dificuldade no parâmetro da motricidade fina, visto ser um grupo dentro da faixa etária dos 3 anos e nesta idade, a motricidade fina é uma habilidade ainda em desenvolvimento mesmo assim os resultados foram bastante positivos: 27% (Muito Bom), 23% (Bom), 27% (Suficiente) e 23% (Insuficiente).

De acordo com Silva et al. (2016), uma das aprendizagens a promover na Educação Pré-Escolar é o reconhecimento e identificação das “partes do corpo e alguns órgãos, incluindo órgãos dos sentidos, e compreende as suas funções” (p.91). Ao analisar a grelha de avaliação é possível perceber que as crianças conseguem identificar os órgãos dos sentidos e as respetivas funções.

Em contrapartida, os parâmetros em que se verificaram que o grupo sentiu mais dificuldades foi na Motricidade Fina e na Associação da quantidade ao algarismo.

Relativamente à Motricidade Fina, o grupo revelou mais dificuldades o que acaba por ser normal, visto ser um grupo dentro da faixa etária dos 4 anos e nesta idade, a motricidade fina é uma habilidade ainda em desenvolvimento. Bee (2003) afirma que “as habilidades motoras amplas e finas estão presentes, de alguma forma, em todas as idades, (...), mas, como regra geral, as habilidades motoras amplas se desenvolvem mais cedo e as finas, mais tarde”. (p.147)

O educador tem, como tarefa importante, realizar diversas atividades com diferentes estratégias para as crianças ultrapassarem esta dificuldade da motricidade fina, como pintura de imagens de tamanho reduzido, grafismos, utilizando diversos materiais, como pincéis e aguarelas, canetas de feltro e lápis de cera.

Já no parâmetro, para a criança associar a quantidade ao algarismo, esta foi bem sucedida, sendo que com algumas crianças ainda têm de ser trabalhadas, mas é normal, sendo que o grupo ainda tem apenas 3 anos.

Ifrah (1998) afirma que as crianças ainda bem pequenas já diferenciam as quantidades um e dois. Mas para quantidades maiores que quatro, ao registrar essas quantidades passou-se da correspondência um a um, da representação das quantidades através de partes do corpo até o uso do artifício da contagem abstrata.

Em suma, considero importante realçar que a elaboração destes dispositivos tem o objetivo de ajudar o educador a monitorizar continuamente as aprendizagens das crianças. Com a recolha dos resultados, o docente deve ser capaz de perceber onde é que as crianças apresentaram evolução, onde tiveram dificuldades e de que forma é que os pode fazer melhorar. Para Cohen & Fradique (2018, p.94), “o processo de monitorização é essencial para regular, motivar e mobilizar todos os intervenientes”.

Por outro lado e com a mesma importância, ao identificar as fragilidades da criança, o professor poderá atuar com mais eficácia. Cohen & Fradique (2018, p. 94) referem que “a identificação e a definição de fragilidades e potencialidades, decorrentes do trabalho realizado, agilizarão a reflexão e a partilha de pontos de vista, enriquecendo e garantindo a qualidade do processo”.

Capítulo 4 – Trabalho de Projeto

4.1. Introdução ao tema do projeto

Este trabalho de projeto tem como tema principal a sensibilização das crianças, intitulado-se “É Seguro atravessar?”. Com ele irei sensibilizar as crianças para o cuidado de atravessarem a estrada e de aprenderem o que devem fazer para uma circulação segura na rua. É minha intenção implementar numa escola, onde o público-alvo serão as crianças.

O objetivo fundamental deste projeto é envolver a criança num dos problemas da sociedade e de que forma, este problema pode prejudicar a qualidade de vida atual e futura da população.

No final deste projeto pretende-se que as crianças tenham conseguido sensibilizar a população e que tenham contribuído para a construção da sensibilização das pessoas quanto ao andar nas estradas e nos passeios.

O tráfego rodoviário constitui um sistema complexo, o seu desenvolvimento acarretou mudanças culturais significativas no relacionamento entre as pessoas e a sinistralidade rodoviária transformou-se numa doença social.

A par dos benefícios visíveis, o automóvel acarretou problemas de vários níveis, designadamente à sinistralidade rodoviária. A responsabilidade dos acidentes rodoviários é atribuída ao fator humano, em consequência de, na sua maior parte, sucederem devido a falha humana, pelo que a educação rodoviária se revela uma componente fundamental na prevenção rodoviária, em particular é um bom indicador de saúde pública (Rosas, 2012).

Reduzir o risco rodoviário exige uma aprendizagem sustentada em aspetos de conduta que suportam práticas de responsabilidade e consciência cívica. A educação rodoviária assume-se, assim, como um processo de formação ao longo da vida, que envolve a escola, as famílias e os parceiros da comunidade educativa e se concretiza numa vivência diária, implicando estratégias de ação adequadas às características de cada contexto educativo (DGS, 2009; IAC, 2013).

4.2. Fundamentação teórica

O trabalho de projeto é uma partilha de experiências e aquisição de saberes através de uma pesquisa orientada. A pesquisa implica uma variante procura entre a prática e a teórica. Um trabalho de projeto deve fazer a interdisciplinaridade com todas as áreas.

Segundo Leite e Malpique (1992, p.16), “ difere dum primeiro impulso e dum desejo pelo trabalho que supõe, trabalho de elaboração segundo um plano e um método de acção baseados na previsão das consequências em dadas condições e numa certa direcção”.

Neste projeto as crianças vão ser o papel importante do projeto, elas é que vão investigar, pesquisar, contruir, etc. As crianças com que vou realizar este projeto pertencem à faixa etária dos 5 anos, e vão precisar da ajuda dos familiares para fazerem as pesquisas e os trabalhos práticos. Depois de recolherem as informações sobre o tema, irão levar essa mesma informação para a sala de aula e em grupo iremos todos discutir e aprender mais sobre os sinais de transito e as suas regras.

1.2.1 Os Acidentes Rodoviários

A Segurança Infantil é sempre um tema pertinente de ser abordado se tivermos em conta a dimensão que os acidentes representam na taxa de mortalidade e morbilidade das crianças e jovens.

São mais de 2000 crianças que morrem por dia, em todo o mundo, devido a quedas, a intoxicações, a afogamentos, a queimaduras ou a acidentes rodoviários. Mortes prematuras que correspondem a anos de vida potencialmente perdidos, anos em que as crianças e jovens não puderam crescer, aprender e, finalmente, contribuir para a sociedade (European, 2012, p.1).

Carvalho e Carvalho (2006) salientam que a educação engloba o desenvolvimento das capacidades do homem e constitui o fator base do melhoramento dos indivíduos, das comunidades e do seu nível de saúde e educação.

Os principais e primeiros intervenientes na educação da criança são os pais/cuidadores, pois cabe-lhes um papel importante na mesma. No que diz respeito à segurança rodoviária, os pais têm um papel primordial pois é com eles que a criança frequentemente circula na via, tornando-se assim modelos a seguir (Ministério da Administração Interna, 2003).

A informação e educação dos pais/cuidadores sobre prevenção rodoviária tem como objetivo a melhor e mais adequada protecção da criança enquanto passageira.

1.2.2. A criança no ambiente rodoviário

Para compreender toda a problemática e de forma a delinear estratégias efetivas de atuação, torna-se crucial contextualizar os próprios conceitos de acidente e de prevenção. Se culturalmente, os acidentes são vistos como eventos fortuitos, resultantes do acaso e da sorte - daí o termo acidente - nos dias de hoje eles são entendidos pelos principais.

Cada estado de desenvolvimento infantil é marcado por uma série de competências físicas, sensoriais e cognitivas específicas, responsáveis por determinados comportamentos das crianças. A forma como estas percebem o mundo e o modo como reagem a certas situações, são influenciados pelo respetivo estado em que se encontram, e por todas as limitações inerentes. A compreensão detalhada da forma como as crianças em idade escolar precoce (6-7 anos) vêem o meio rodoviário e da influência das suas características físicas e cognitivas nos seus próprios comportamentos, é essencial para a prossecução deste projeto.

Quando a educação rodoviária é dirigida diretamente às crianças, é fundamental um conhecimento pormenorizado das medidas de segurança rodoviária que se pretendem ver promovidas, no sentido de conseguir uma redução dos comportamentos de risco. Torna-se, assim, crucial nesta fase descrever as principais medidas de segurança rodoviária que a criança deve adotar na via pública, enquanto peão, passageiro ou enquanto condutor.

4.3. Metodologia do projeto

Com intuito de atingirmos os objetivos anteriormente mencionados, este projeto será concretizado tendo por base a “Metodologia de Projeto”.

Em pedagogia, um projeto é uma forma de educação, uma “metodologia de trabalho que tem como ponto de partida a pesquisa e, conseqüentemente, conduz à aquisição de saberes” (Many & Guimarães, 2006, citado em Behrens, 2014, p. 5).

Mendonça (2007) considera que o primordial deste trabalho será promover o desenvolvimento social e emocional das crianças e dos jovens, assim como pela participação na construção do próprio saber, num ambiente de mútua cooperação entre professores, alunos e restante comunidade educativa para a obtenção de um mesmo objetivo, a construção da aprendizagem.

De acordo com Silva et al. (2016), pretende-se que este trabalho seja realizado através de uma dinâmica de interação – o brincar. Uma vez que esta dinâmica proporciona também:

[...] outras conquistas, tais como, ter iniciativas, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender, que atravessam todas as áreas de desenvolvimento e aprendizagem na educação de infância, constituindo condições essenciais para que a criança aprenda com sucesso, isto é, aprenda a aprender. (p. 11)

A concretização de todos estes fundamentos e princípios educativos no jardim de infância exige um profissional que esteja atento aos interesses das crianças e que, quando necessário, saiba captar o interesse das crianças para alertá-las para os problemas do mundo que as rodeia.

Vivendo num meio cada vez mais rodoviário, onde máquinas e homens coabitam lado-a-lado, é possível observar um verdadeiro desrespeito pela vida humana e de irresponsabilidade perante aqueles que deveriam ser mais protegidos.

Foi no sentido de conhecer os verdadeiros números da tragédia, que a OMS desenvolveu um estudo à escala mundial de modo a obter um primeiro balanço sobre os traumatismos involuntários que afetam as crianças. Ao comunicar os seus resultados publicamente em dezembro de 2008, no “ relatório sobre prevenção de traumatismos, lesões e ferimentos na criança,” o mundo confrontou-se com uma realidade que há muito se suspeitava.

De acordo com este relatório, mais de 2000 crianças morrem por dia na sequência de lesões e traumatismos não intencionais, sendo os acidentes rodoviários responsáveis pela maioria das mortes de crianças entre 15 e os 19 anos e a 2.^a causa de morte nas crianças entre os 5 e os 14 anos.

Só em 2004, 262000 crianças morreram devido a acidentes rodoviários, número este que se traduziu em cerca de 30% de todas as mortes de crianças por acidentes e em 2% de todas as mortes infantis ocorridas nesse mesmo ano (Who, 2008, p.35).

Segundo este relatório, as crianças continuam a sofrer acidentes rodoviários enquanto assumem diferentes papéis. Elas morrem enquanto passageiros...enquanto peões... enquanto condutores... enquanto crianças! São cerca de 720 crianças que morrem por dia, em todo o mundo, devido a acidentes rodoviários.

4.5. Desenvolvimento do projeto

4.5.1. Problema

Como podemos sensibilizar as crianças para a segurança e prevenção rodoviária?

4.5.2. Problemas parcelares

O que é a Segurança Rodoviária?

Quais são as medidas de segurança para sairmos da escola?

Quais os tipos de sinais de trânsito que existem?

Como estão divididos os sinais de trânsito?

Quais são as principais regras de trânsito?

4.5.3. Destinatários

O presente trabalho de projeto destina-se à Educação Pré-Escolar e tem como destinatários as crianças da faixa etária dos 5 anos.

Selecionei esta faixa etária por representar a última etapa da Educação Pré-Escolar e deste modo, traduzir-se num grupo que apresenta maior sentido de responsabilidade e de consciencialização perante os problemas ambientais.

4.5.4. Entidades envolvidas

Na realização deste projeto, iremos precisar que algumas instituições colaborem connosco, tais quais:

A escola, pois as crianças serão os principais envolvidos no projeto.

Será essencial também a ligação com a comunidade envolvente, para que este projeto se torne uma mais valia para que as crianças compreendam melhor a segurança e prevenção rodoviária.

Também será essencial a participação da Polícia de Segurança Pública (PSP), com palestras e atividades práticas.

Uma das instituições que também será importante será a Escola de Trânsito, que irá proporcionar às crianças conhecimentos e competências necessárias a uma adequada integração na circulação rodoviária. Para isso são lecionadas aulas teóricas que abordam

temas como a circulação segura de peões, passageiros e ciclistas. Posteriormente, na pista exterior as crianças desempenham papéis de peão e de ciclista, simulando a circulação rodoviária de forma a solidificar os conteúdos adquiridos.

4.5.5. Motivação e negociação

- Provocar a sensibilização nas crianças para o tema projeto;
- Fazer vídeos para promover a sensibilização na comunidade;
- Incentivar a boa prática ao andar na rua.

4.5.6. Objetivos gerais

- Alterar as atitudes das pessoas e promover o civismo;
- Desenvolver o trabalho de grupo e cooperação;
- Promover a interdisciplinaridade;
- Promover o bom senso.

4.5.7. Objetivos específicos

- Educar as crianças para os desafios de prevenção, segurança e educação rodoviária aquando da sua vida adulta;
- Fomentar nas crianças, atitudes de segurança e comportamentos preventivos na estrada;
- Ensinar às Crianças o significado dos principais sinais de trânsito e das regras essenciais para os utentes da estrada;
- Explicar às Crianças a interação existente entre o Homem, o veículo e o ambiente rodoviário;
- Disponibilizar informação sobre Segurança e Educação Rodoviária;
- Consciencializar através das crianças, os pais e encarregados de educação para a problemática da Segurança e Educação Rodoviária;
- Promover o interesse pelo conhecimento de problemas relacionados com a insegurança rodoviária local;
- Motivar as crianças para a participação ativa na resolução de situações de insegurança rodoviária.

4.5.8. Planeamento

1.ª fase – Investigação e sensibilização

Nesta primeira fase, vai ser a fase onde vou tentar sensibilizar as crianças, para que estas se motivem para o tema que iremos abordar. Para esse mesmo efeito irei mostrar um vídeo sobre o mesmo.

Numa outra abordagem as crianças deverão em casa com os pais procurar mais sobre o código da estrada, cada criança escolhe um sinal e diz à educadora que sinal escolheu, para que todas as crianças escolham um sinal diferente e que de uma maneira didática apresentem esse sinal ao resto do grupo.

2.ª fase – Vídeo

Nesta segunda fase do projeto, o grupo deverá realizar um vídeo, para que possa estar sempre a passar na entrada da escola, para que os pais possam ver e ficam sensibilizados para esse mesmo tema.

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – As crianças vão realizar um vídeo, nesse vídeo as crianças vão memorizar palavras, cada criança memoriza uma palavra e diz apenas a palavra, para que seja mais impactante quando alguém estiver a ver o vídeo.

3.ª fase – Explorar a segurança e prevenção rodoviária

Nesta terceira fase do projeto a criança terá que encarnar como se fosse um polícia e terá que verificar se as pessoas que andam na estrada ou mesmo as pessoas que andam no passeio, cumprem as regras de trânsito em seu redor. A brincar ninguém levará a mal as lições de urbanidade que as crianças poderão dar. Durante esta fase, teremos a visita da polícia na escola para fazer algumas ações e alguns jogos com as crianças, para que se sintam mais interessadas no tema.

Área do conhecimento do Mundo – Nesta fase as crianças irão aprender mais e compreender melhor a segurança e prevenção rodoviária.

4.ª fase – Visita de estudo à escola de trânsito

Na quarta e última fase do projeto, as crianças terão a sorte de fazer três visitas de estudo à escola de trânsito, uma vez por mês, irei fazer um visita, para que as crianças tenham um contacto mais próximo do que fomos fazendo ao longo do ano, e irei também

fazer uma caderneta de cromos, isto é uma caderneta dos sinais de trânsito, para que as crianças nunca se esqueçam dos sinais que aprenderam tanto na escola com a educadora tanto como na visita de estudo com os senhores da escola de trânsito. Nesta mesma fase também irei fazer uma escola de trânsito na nossa instituição para que todas as crianças tenham acesso a um dia diferente.

Expressão Plástica – Realizar uma caderneta de cromos com os sinais de trânsito que aprenderam sobre a prevenção e segurança rodoviária, com os mais diversos materiais e com a imaginação de fazerem algo diferente.

4.5.9. Recursos

4.5.9.1. Recursos materiais

- Livros;
- Sinais de trânsito;
- Material didático;
- Internet;
- Jogos;
- Imagens;
- Bicicletas, trotinetes e triciclos;
- Autocarro para a visita de estudo à Escola de Trânsito em Albufeira;
- Bilhetes para a visita de estudo ;
- Computador e projetor;
- Vídeo sobre a segurança e prevenção rodoviária ;
- Materiais de expressão plástica: tintas, pinceis, diferentes tipos de papel;
- Fotografias e/ou imagens reais em A3.

4.5.9.2. Recursos humanos

- Comunidade Escolar – Professores/educadores, grupo de crianças da faixa etária dos 5 anos, encarregados de educação e os auxiliares da ação educativa;
- Membros da autarquia local – Junta de Freguesia , Câmara Municipal e PSP- Policia de Segurança Pública;
- Entidades locais – Educadores/Guias da escola de trânsito de albufeira e o motorista do autocarro.

4.5.10. Produtos finais

Elaborar um artigo sobre o projeto no jornal da escola e distribuição à comunidade escolar;

Exposição de fotos de todas as etapas do projeto.

4.5.11. Avaliação

4.5.11.1. Avaliação do processo

Na fase de avaliação do projeto, todos os intervenientes devem fazer uma retrospectiva sobre o mesmo. Devem ser focadas algumas perguntas chaves que irão facilitar este processo, como por exemplo: “conseguimos fazer o que pretendíamos?”; “aprendemos?”; “gostamos?”; “o que foi, para mim, o mais importante?”; “o que posso fazer para ajudar a resolver este problema?” (...). Só respondendo a estas perguntas e fazendo um balanço geral é que poderemos compreender se o projeto atingiu os objetivos propostos e os resultados desejados.

A avaliação deverá acontecer no decorrer do projeto através de momentos de partilha em contexto de roda que servirão para fazer o balanço dos acontecimentos através de debates, conversas informais e atividades lúdicas que permitam que a educadora percecione os conhecimentos já adquiridos e quais deverá continuar a explorar.

Claro que também será avaliada a participação, o interesse, a organização, a autonomia e capacidade de resolução de problemas e a destreza física das crianças.

4.5.11.2. Avaliação do produto final

No final da implementação do projeto torna-se crucial a sua avaliação, a curto, a médio ou a longo prazo, em termos de consciencialização dos riscos rodoviários existentes e das medidas de segurança a adotar. Assim, sugerem-se as atividades:– Realização de perguntas sobre segurança rodoviária infantil às crianças-formandas, através da utilização de jogos interativos;– Realização de questionários sobre segurança rodoviária infantil aos pais/família que receberam folhetos sobre o tema.

4.6. Calendarização

A elaboração deste projeto, a implementar na Educação Pré-Escolar, irá decorrer durante o ano letivo todo (1.º, 2.º e 3.º períodos) do ano letivo. Este irá iniciar-se, em setembro com a motivação, mas o projeto em si só irá ter início em outubro, no âmbito da Área do Conhecimento do Mundo, executando a interdisciplinaridade com as restantes

áreas/domínios. Como tal, surge no Tabela 1, o cronograma com as respetivas fases de planeamento.

Tabela 14

Cronograma das fases do projeto

	1.º Período				2.º Período			3.º Período		
	set.	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.
Motivação										
Fase 1										
Fase 2										
Fase 3										
Fase 4										
Avaliação										

4.7. Considerações finais do projeto

Após a concretização deste esboço de projeto considero imprescindível a sua aplicação prática, numa realidade educativa, uma vez que só assim poderei realmente perceber a sua eficácia. Este projeto desenvolve-se através da experimentação, valorização, concretização de experiências práticas que evidenciam as circunstâncias e consciencializam os intervenientes de forma racional e perceptiva. Permite ainda agir e refletir, tornando-os seres humanos mais conscientes, críticos e argumentativos.

O desenvolvimento urbano desenfreado que se faz sentir nos dias de hoje associado ao crescente tráfego rodoviário que acompanha a era moderna em que vivemos, são responsáveis por um elevado número de mortes de crianças e por um número ainda maior de feridos, por vezes, graves que ficam com sequelas para toda a vida.

A existência de simples medidas de segurança capazes de diminuir estas taxas, fazem da educação para a saúde nesta área uma prioridade dos profissionais de enfermagem. Cabe a este profissional contribuir para a promoção da saúde infantil, atuando diretamente nas crianças, em idade cada vez mais precoce.

Foi uma mais valia fazer este projeto e espero um dia colocá-lo em prática.

Considerações finais

A Escola Superior de Educação João de Deus foi a escola que eu decidi escolher para realizar o meu percurso académico, um percurso que decorreu ao longo de cinco anos e meio, tendo feito um Curso Técnico Superior Profissional, uma Licenciatura e um Mestrado em Educação Pré-Escolar.

A elaboração do relatório, aliada ao estágio, fez com que eu refletisse sobre as práticas observadas em contexto de estágio e que conseguisse selecionar aquelas que achei pertinentes mencionar e descrever fundamentando-as com autores.

Foi nesta Escola Superior de Educação João de Deus que me foi permitido estar em contacto com a realidade educativa desde o primeiro momento. Segundo Caldeira et al. (2017, p.47), “aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores”.

De facto, foi este o meu processo de aprendizagem ao longo de cinco anos e meio de formação na ESE João de Deus, sempre com a preocupação de aliar a teoria à prática, numa instituição que nos forneceu ferramentas fundamentais para ser uma profissional preparada para o futuro.

Os períodos de estágio que realizei, deram-me a possibilidade de estar com vários grupos de crianças de diferentes faixas. A prática, acaba por nos dar uma perceção real e geral de como será o nosso futuro. Foi então ao realizar estes estágios durante estes meses que fui observando e aprendendo e consegui formar o meu perfil de educadora que quero ser no futuro.

Oliveira-Formosinho (como citado em Caldeira et al., 2017) realça a importância de uma contínua “atualização do conceito e funcionalidade da supervisão, na medida em que esta desenvolve e reconstrói, colocando-se num papel de apoio e não de inspeção, de colaboração ativa em metas acordadas através de contratualização, de envolvimento na ação educativa quotidiana” (p.49).

Não tive oportunidade de estagiar a pares, com muita pena minha, porque acho que seria muito importante e uma mais valia, porque nos dá a oportunidade de observarmos as suas atividades práticas, refletir, analisar e dar a nossa opinião e

ajudarmo-nos umas às outras, tal como as nossas colegas sobre as nossas atividades práticas.

Almeida (2000) defende que “as relações entre pares assumem um papel autónomo na dinâmica do desenvolvimento social e são consideradas como pilares para a co construção social do conhecimento” (p.12).

Temos também uma equipa de supervisão que nos acompanha desde a licenciatura até ao fim do mestrado, e tem um papel muito importante e fundamental ao longo de todo o nosso percurso de estágio. A equipa de supervisão é uma equipa que nos ajuda a sermos melhores, orienta e que nos permite refletir sobre as atividades práticas que fazemos com os grupos de crianças.

Como referem Durão e Almeida (2017), “a prática pedagógica acompanhada, orientada e refletida permite que o futuro educador/professor desenvolva as competências e atitudes necessárias a um desempenho eficaz, consciente e responsável” (p. 74), todo o feedback que recebi, contribuiu para o meu crescimento pessoal e para a minha aprendizagem enquanto pessoa e como futura educadora.

A nível profissional senti que as reflexões feitas e o feedback ao longo do estágio profissional contribuíram para melhorar e aperfeiçoar o meu desempenho e ganhar mais prática, essencialmente, ter noção de que algumas das estratégias executadas poderiam ter sido mais adequadas e eficazes ou até mesmo perceber que existem estratégias que na planificação correm muito bem, mas depois na prática já teríamos de alterar. Na perspetiva de Mosqueira e Almeida (2017), “o supervisor, à partida mais experiente, deve orientar um futuro professor, estabelecendo uma relação de “empatia, confiança, cooperação, partilha, abertura e reflexão” (p. 30).

Em conclusão, termino este Relatório de Estágio com um misto de emoções, mas também com a sensação de missão cumprida. Ao longo destes anos sinto que cresci tanto psicologicamente como profissionalmente, e adquiri competências necessárias à profissão de docente. Espero, no futuro, colocar em prática tudo aquilo que aprendi ao longo destes anos e fazer feliz todas as crianças que passem pela minha sala de atividades.

Referências Bibliográficas

- Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Asa.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*. Livros Horizonte.
- Almeida, A. M. T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Centro de Estudos da Criança - U.M.
- Alonso, L., & Roldão, M. C. (2005). *Ser professor de 1.º ciclo construindo a profissão*. Universidade do Minho, IEC e Almedina.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar* (7.ª edição). McGraw Hill.
- Azevedo, F. (2006). Elementos nucleares para professores do ensino básico. In F. Azevedo (Coord.). *Língua materna e literatura infantil* (pp. 11-32). LIDEL.
- Batista, A., Viana, F., & Barbeiro, L. (2011). *O ensino da escrita. Dimensões gráfica e ortografia*. Ministério da Educação.
- Bee, H. (2003). *A criança em desenvolvimento*. Editora Harper & Row do Brasil.
- Behrens, M. A. (2014). *Metodologia de projetos: aprender e ensinar para a produção do conhecimento numa visão complexa*. Coleção Agrinho. https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_04_Metodologia-de-projetos.pdf
- Boaventura, D., & Caldeira, M. F. (2018). Literacias científica e matemática na educação pré-escolar e no ensino do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 6, 32-45.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F., Pereira, P. C., & Silveira-Botelho, T. (2017). Supervisão e avaliação da prática profissional no ensino superior. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-68. http://www.Joaodedeus.pt/documento/revistacientifica/ED_4.pdf

Cardona, M. J. (Coord.), Silva, I. L., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na educação pré-escolar*. Direção-Geral da Educação (DGE).

Carvalho, A., & Carvalho, G. (2006). *Educação para a saúde: Conceitos, práticas e necessidades de formação*. Lusociência.

Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril. (Avaliação na Educação Pré-Escolar).

Cohen, A. C. & Fradique, J. (2018). *Guia da autonomia e flexibilidade curricular*. Raiz Editora.

Consiglieri, J. (2017). Percecionar, pensar e dialogar a natureza na educação estética e artística. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 90-95.

Cordeiro, M. (2012). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. (6.ª edição). A Esfera dos Livros.

Cordeiro, M. (2015). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. A Esfera dos Livros.

Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Pergaminho.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – Guia prático para professores e educadores*. Areal Editores.

Decreto-Lei n.º 542/79, de 31 de dezembro.

Direção-Geral da Saúde. (2009). *Programa nacional de prevenção de acidentes 2009-2016*.

Durão, R., & Almeida, J. M. (2017). Alunos estagiários da formação inicial – Uma proposta de guião orientador. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 70-89.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação: O papel dos professores*. Editorial Presença.

European Child Safety Alliance. (2012). *Relatório de avaliação de segurança infantil 2012*. Birmingham. http://www.nogueiradesign.com/APSI/REPORT_CARD_PORTUGAL_2012_PT_s%20logoOMS.pdf

Faria, C., Boaventura, D., Gaspar, R., Guilherme, E., Freire, S., Chagas, I. & Galvão, C. (2015). *Era uma vez... o mar. O mar como recurso educativo no 1.º ciclo: o contributo do projeto iLit*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Flores, M. A., & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e perspectivas*. Edições Pedagogo.

Gaspar, D., M., P. (2010). *Avaliação das crianças na educação pré-escolar: Uso do portfolio como instrumento de avaliação*. Universidade do Minho.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. (6.ª edição) Fundação Calouste Gulbenkian.

Ifrah, G. (1998). *História dos algarismos*. Nova Fronteira.

Leite, C., & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos – Novos contextos, novas práticas*. Edições ASA.

Leite, E., & Malpique, M., R., S. (1992). *Trabalho de projeto. 2. Leituras comentadas*. Edições Afrontamento.

Lopes, J., & Silva, H. S. (2011). *O professor faz a diferença*. Lidel.

Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. (pp. 55-73) Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Many, E., & Guimarães S. (2006). *Como abordar... a metodologia de trabalho de projecto*. Areal Editores.

Martins, I. (coord.), Veiga, L. M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, M. R., Rodrigues, A. V., & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência – atividade dos 3 aos 6 anos*. Ministério de Educação.

Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita. Textos de apoio para educadores de infância*. Ministério da Educação.

Matos, M. C. F. R (2011). Funções e tipologias da avaliação das aprendizagens. Análise no ensino secundário. *Revista Alentejo: Educação*.

Matos, Z. & Graça, A. (1991). Criação de Hábitos de Actividade Física Regular: Um Objectivo Central da Educação Física. In: Bento, J. & Marques, A. (Eds.), *Actas das Jornadas Científicas Desporto Saúde Bem-Estar* (pp. 311-317).

Mendonça, M. E. (2007). *Aprendizagem e avaliação de competências na escola moderna*. (Tese de Mestrado). Universidade da Madeira.

Ministério da Administração Interna. (2003). *Plano nacional de prevenção rodoviária*. <http://www.anieca.pt/PNPR.pdf>.

Moreira, D., & Botas, D. (2013). A utilização dos materiais didáticos nas aulas de Matemática - Um estudo no 1.º ciclo. *Revista Portuguesa de Educação*, 26 (1), 253-286

Mosqueira, P., & Almeida, J. M. (2017). O papel da supervisão pedagógica nos primeiros anos de prática docente no 1.º ciclo do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 5, 28-43. http://www.Joadedeus.pt/documento/revistacientifica/ED_5.pdf

Oliveira, S. (2009). *Estágios para universitários: Representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses*. (Dissertação de Doutoramento). Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pacheco, J. A. (Org.). (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Universidade do Minho.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. McGraw-Hill.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Universidade Aberta.

Pimentel, J. H. A. (2017). *A importância das histórias no pré-escolar*. Instituto Politécnico de Coimbra.

Pinto, J., & Santos, L. (2006). *Modelos de avaliação das aprendizagens*. Universidade Aberta.

Pombo, O. (2006). *Unidade da ciência: programas, figuras e metáforas*. Edições Duarte Reis.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores; Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. (Dissertação de Doutoramento). Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino aprendizagem*. Universidade Aberta.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino. o saber e o agir*. Fundação Manuel Leão.

Rosas, P.I.P. (2012). *Educação rodoviária e infrações ao código de estrada*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Aveiro.

Ruivo, I. (2013). *A consciência fonológica: Uma questão de práticas consistentes e sistemáticas*. Escola Superior de Educação João de Deus.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. (Dissertação de Doutoramento). Universidad de Málaga–Facultad de Ciencias de la Educación.

Sá, J. (1994). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto Editora.

Sá, J. (2000). A abordagem experimental das ciências no jardim-de-infância e 1.º ciclo do ensino básico. Que implicações para o processo de educação científica nos níveis de escolaridade seguintes. *In Livro de resumos do congresso sobre Trabalho Prático e Experimental na Educação em Ciências*. Universidade do Minho.

Sampaio, M. F. (2018). *Discursos didáticos das expressões artísticas no 1.º ciclo do ensino básico: Práticas e estratégias*. (Dissertação de doutoramento). Universidade Nova de Lisboa.

Serrano, P., & Luque, C. (2015). *A criança e a motricidade fina. Desenvolvimento, problemas e estratégias*. Papa Letras.

Silva, H. S., & Lopes, J.P. (2020). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Pactor.

Silva, H., S., & Lopes, J. (2015). *Eu, professor, pergunto. 20 respostas sobre a planificação do ensino-aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação*. Pactor.

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação (DGE).

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Asa.

Tendbrink, T. D. (2002) *Evaluación. Guia práctica para profesores*. Narcea S. A.

Tomás, J. F. R. (2014). *A resolução de problemas de adição e o desenvolvimento do cálculo mental: um estudo com alunos do 2.º ano*. (Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação.

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8263/1/RelatorioFinal_JoanaTomas_.pd

Torrado, A. (1988). *Da escola sem sentido à escola dos sentidos*. Civilização.

World Health Organization. (2008). *European report on child injury prevention*. Geneva: Regional Office for Europe of the World Health Organization.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Edições Asa.

Anexos

Anexo 1

(Proposta de atividade do Domínio da Matemática)

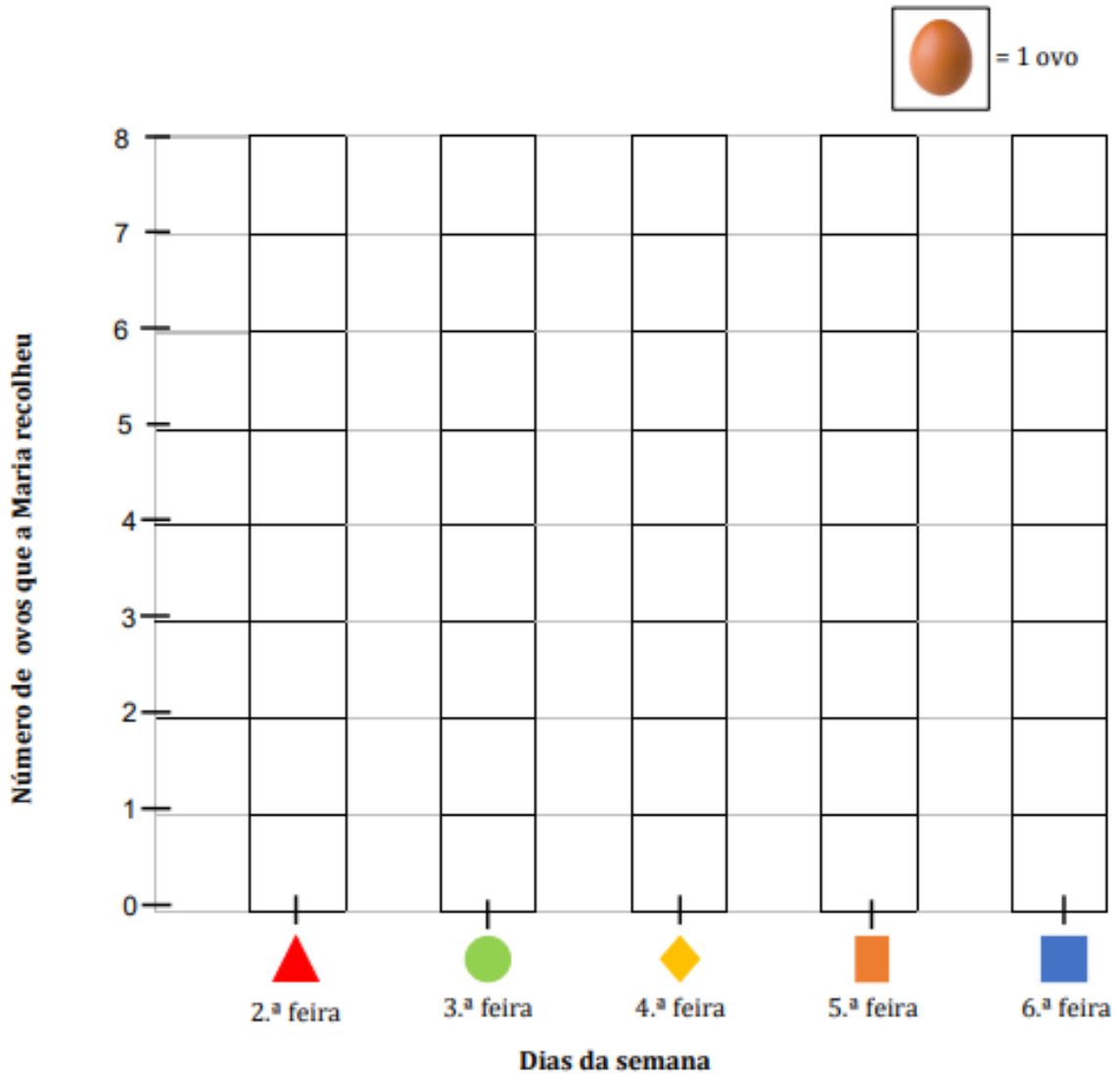
Domínio da Matemática

Nome: _____ Data: ____/____/____

Pictograma – A ida ao Galinheiro

1. Completa o pictograma de acordo com as orientações dadas.

Ovos que a Maria recolheu de segunda a sexta-feira



Anexo 2

(Grelha de avaliação da atividade do domínio da
Matemática)

Parâmetros	1										2			Total	Resultado da Avaliação
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.7	1.8	1.9	1.10	2.1	2.2	2.3		
Cotação	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	1,5	0	10	
Crianças															
C1	1,5	0	0	0	0	0	0	0	1,5	0	0	1,5	0	4,5	Insuficiente
C2	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C3	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	1,5	0	9	Muito Bom
C4	0	0	0	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	1,5	0	6	Suficiente
C5	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C6	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	1,5	0	9	Muito Bom
C7	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C8	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C9	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C10	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C11	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	0	0	1,5	0	7,5	Bom
C12	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C13	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C14	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	0	0	1,5	0	7,5	Bom
C15	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C16	0	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	1,5	0	7,5	Bom
C17	0	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	0	1,5	0	7,5	Bom
C18	0	0	1,5	0	0	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	7	Bom
C19	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C20	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom
C21	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	1,5	0	2,5	0	0	10	Muito Bom

Anexo 3

(Proposta de atividade do domínio da Linguagem
Oral e Abordagem à Escrita)

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: _____ Data: ___/___/___

1. Circunda com o teu lápis cor de laranja as vogais.

a i p u t e o

2. Escreve as vogais com a letra bicuda.

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

3. Pinta apenas as imagens onde ouves o som da letra V.



Anexo 4

(Grelha de avaliação da atividade do domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Parâmetros	1						2						3			4			Total	Resultado da Avaliação
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	3.1	3.2	3.3	4.1	4.2	4.3		
Cotação	2,5	2	1,5	1	0,5	0	2,5	2	1,5	1	0,5	0	4	2	0	1	0,5	0	10	
Crianças																				
C1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	1	0	0	5	Suficiente
C2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	5	Suficiente
C3	2,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	10	Muito Bom
C4	2,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	10	Muito Bom
C5	2,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	10	Muito Bom
C6	2,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	10	Muito Bom
C7	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4	0	0	1	0	0	8,5	Bom
C8	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,5	0	4	0	0	1	0	0	8	Bom
C9	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,5	0	4	0	0	1	0	0	8	Bom
C10	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	7,5	Bom
C11	0	2	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	7,5	Bom
C12	2,5	0	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0,5	0	7,5	Bom
C13	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0	9	Muito Bom
C14	0	0	1,5	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	7	Bom
C15	0	0	0	1	0	0	2,5	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0,5	0	8	Bom

Anexo 5

(Proposta de atividade na Área do Conhecimento do
Mundo)

Área do Conhecimento do Mundo

Nome: _____ Data: ___/___/___

Quantos temos?

1. Pinta a resposta correta.



1

2



1

2



1

2



1

2

Anexo 6

(Grelha de avaliação da atividade da Área do
Conhecimento do Mundo)

Parâmetros	1					2					3				Total	Resultado da Avaliação
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	3.1	3.2	3.3	3.4		
Cotação	5	3,5	2,5	1,5	0	2,5	2	1,5	1	0	2,5	1,5	1	0	10	
Crianças																
C1	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	9	Muito Bom
C2	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	7,5	Bom
C3	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	7,5	Bom
C4	5	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	7	Bom
C5	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	1	0	8,5	Bom
C6	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	10	Muito Bom
C7	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	7,5	Bom
C8	0	0	2,5	0	0	0	0	1,5	0	0	0	0	1	0	5	Suficiente
C9	0	0	0	1,5	0	2,5	0	0	0	0	0	0	0	0	4	Insuficiente
C10	0	0	2,5	0	0	2,5	0	0	0	0	0	0	1	0	6	Suficiente
C11	0	0	2,5	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	6,5	Suficiente
C12	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	9	Muito Bom
C13	0	0	2,5	0	0	0	0	1,5	0	0	0	0	0	0	4	Insuficiente
C14	0	0	0	1,5	0	0	0	1,5	0	0	0	0	1	0	4	Insuficiente
C15	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	10	Muito Bom
C16	0	3,5	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	6,5	Suficiente
C17	0	0	0	1,5	0	0	2	0	0	0	0	1,5	0	0	5	Suficiente
C18	0	0	0	1,5	0	0	0	1,5	0	0	0	0	0	0	3	Insuficiente
C19	0	3,5	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	6,5	Suficiente
C20	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	0	1,5	0	0	9	Muito Bom
C21	5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	0	2,5	0	0	0	10	Muito Bom
C22	0	0	0	1,5	0	0	0	1,5	0	0	0	0	1	0	4	Insuficiente